

Investigação dos
processos cognitivos
envolvidos no fenômeno
perceptivo do espaço.

Reconheça-se:
investigação dos processos cognitivos
envolvidos no fenômeno perceptivo do espaço.

Guilherme Miguel Bullejos
Profa. Dra. Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

São Paulo, Dezembro de 2017

Agradecimentos,

Especialmente àqueles que sempre seguram
minha mão, vendo em mim algo que eu não
vejo no meu reflexo e fazendo eu perceber
que meu fôlego é para desbravar o universo:
Miguel, Íria e Gabriel Bullejos.

À Profa. Clíce Mazzilli que pacientemente
me guiou por trilhas que eu ainda desconhecia
dando-me sempre confiança para prosseguir.

Aos convidados da banca que
entusiasmadamente aceitaram se aventurar
nessa empreitada.

Aos amigos que caminham comigo:
Guilherme Torres, Larissa Cristina,
Liene Baptista, Luiza Guerino,
Ísis Padilha, Mariana Sari,
Thiago Gregio e Tiê Higashi.

Aos amigos que em pouco tempo se
mostraram grandes achados nesse caminho:
Alex Seino, André Aureliano, Bruno Souza,
Carolina Anselmo, Diego Gama,
Lucas Artacho, Vitor Borba e Wesley Totti.

E a todos aqueles que mesmo não citados
acrescentaram singularidades ao meu caminhar.

.resumo

Este Trabalho Final nasce como fruto de uma junção de conhecimentos e vivências adquiridas no decorrer da Graduação. Se compõe enquanto processo, dado o seu âmago de tratar sobre experimentação, que em sua fenomenologia também é processual.

Por ser um percurso de experiências, cujo resultado é intrínseco à experimentação pessoal, gera-se muita expectativa com relação ao rumo que este trabalho está tomando. De antemão, acredito que vale ressaltar que mesmo na escrita deste trabalho buscou-se expressar de forma mais pessoal tanto os conhecimentos obtidos durante a pesquisa, quanto o processo de confecção do produto final.

*palavras-chave: mapas. percepção. espaço.
introspecção. experiência.*

.sumário

.introdução 11

.mapas 21

.encontro 43

.mapas do encontro 59

.desenvolvimento 75

.primeira experiência 105

.tfg: reflexões e propostas iniciais 123

.micro-ecologias 147

.bibliografia 175

.introdução

Muitos veem a vida sendo formada por etapas. Damos um passo atrás do outro, fechando e abrindo ciclos. Agora me deparo com os momentos finais para a conclusão de um grande e significativo ciclo da vida: o término da minha graduação. Contudo, admitir que essa etapa é somente o fechamento de uma preparação para a vida profissional parece ser muito superficial, quiçá simples demais. E simplicidade não tem nada a ver com o decorrer do curso de Arquitetura e Urbanismo. Atravessar esses anos de curso é como andar por um terreno sinuoso e totalmente irregular: ora você vai andar tranquilo, ora terá que escalar morros, e descer por encostas. Enfim, é inegável o fato de que este curso muda e amplia a visão que temos da vida.

Acredito que nada pode resumir melhor o que é se formar do que o Trabalho Final de Graduação. Nele há uma busca por expor não somente todo o acúmulo de conhecimento, prática e interesses pessoais que são adquiridos ao longo dos anos de graduação,

mas também todos os pensamentos e ideias que culminam em um projeto. Tal projeto, mesmo usufruindo de um período curto para ter a profundidade e qualidade desejada, tenta alcançar a grandiosidade que este momento final representa para os graduandos. Afinal, é o fechamento de uma das maiores etapas de nossas vidas. E, de fato, não é surpreendente que para se chegar ao produto final passamos pelo mesmo conjunto de complexidades, dúvidas e dificuldades, inerentes à finalização de um ciclo; singular em todos seus aspectos, mas também recompensante; visto já estar abrindo a visão para as infinitas possibilidades após a conquista do diploma.

Como fruto de um processo, dei início a minha proposta tendo em vista um estudo que já vinha desenvolvendo desde meu primeiro ano na faculdade: os processos cognitivos envolvidos na percepção espacial. A Profa. Dra. Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli - minha tutora no início da graduação - , introduziu-me ao conceito de mapas mentais, apresentados pela dissertação de mestrado da aluna Heloísa Neves, *Mapas do encontro: estudos da percepção* (2010), que estabelece uma extensa e didática

visão sobre esse mecanismo perceptivo, fundamentada em uma extensa e profunda teoria filosófica e científica. Tal conhecimento, adquirido logo nos primeiros meses da minha graduação, germinaram em mim um interesse profundo pelo entendimento das ações e reações causadas pela experiência do indivíduo inserido no espaço (pensando no espaço não somente como um meio detentor de matéria, mas também composto por aspectos econômicos, culturais políticos, etc.). Suas extensões e reverberações no indivíduo que o experiencia são imensuráveis, consciente ou inconscientemente as informações advindas desse espaço vão ser mapeadas no cérebro e tais informações poderão ser “acessadas” no momento ou décadas depois. Disso só há uma certeza, o indivíduo e o espaço se afetam mutuamente, gerando consequências que vão além do momento vivido.

O mais fascinante no encontro do indivíduo com o mundo é como a geração desses mapas irá recriar de forma inconsciente um mundo totalmente novo baseado nas interpretações dos nossos padrões neurais. Tal mundo é composto por todas as experiências

e memórias que estabelecem novas percepções, formando um ciclo infinito em quantidade e qualidade de regenerações de vivências, mudando gradualmente como vemos e nos estabelecemos no mundo. Ou seja, em certa medida nos refazemos a cada momento. O meu “eu” de agora não é mais o mesmo desde que começou a escrever essa frase, assim como o leitor não é mais o mesmo desde que começou a ler esta pesquisa.

Talvez seja importante desde já esclarecer a complexidade que se almeja, principalmente no que diz respeito a um estudante de Arquitetura e Urbanismo que tenta desbravar vastas matérias de filosofia e ciências cognitivas. Portanto, mais do que se apoiar em apenas teorias de livros este trabalho também se faz valer da vivência como pessoa e como profissional da área para construção de seus alicerces. Portanto, é importante estabelecer que apesar de todas as teorias das demais áreas além da Arquitetura e Urbanismo o lado empírico se manifesta espontaneamente neste trabalho. Para tanto, volto-me a abordagem do espaço. Entender que estes processos ocorrem em uma materialidade

física é de suma importância para darmos os próximos passos. Este ponto é imensamente abordado pelo arquiteto suíço Peter Zumthor, que se apoia muito na experiência espacial em seu livro *Atmospheres* (2006), elencando uma série de fatores que visam ressignificar nossa experiência no espaço. Como o experimentamos? Como vivenciamos a cidade? Ou até mesmo, como experienciamos nossa vida íntima nos ambientes mais privados? Logo, mais do que métricas, este trabalho possui um enfoque na experiência espacial.

Ao explorar o espaço e seus aspectos, reflexões me levam a pensar sobre a extensão que estes espaços experimentados tomam em nossos processos cognitivos. Uma representação sempre vem muito clara em minha cabeça quando penso sobre isso: volto minha imaginação para séculos antes da minha existência. Olho à minha volta e está tudo negro. O céu toca o mar e vice-versa. Não sei bem dizer o que é o que, mas apenas imagino uma vasta negritude a minha frente interrompida por pontos brilhantes. Navego então com minha nau por um desconhecido, um mar de possibilidades. Guio minha nau

por estes pontos brilhantes que formam constelações. Acima disso está um universo que eu tento entender e desbravar. Ele sempre será algo não fielmente apreendido, visto a tradução que damos ao mundo não ser efetivamente o próprio mundo.

Analogamente, diria que este mar que desbravo é minha mente que é orientada pelas estrelas, meus mapas mentais, que tentam decifrar e traduzir o universo, mas no fim apenas o que consigo é viver e desbravar o meu mundo por meio de orientações dadas pelo universo.

De fato, esse sentimento e incômodo na busca pela auto-definição, ou pelo menos entender as diversas formas que tomo segundo a segundo, quando interajo sucessivamente com o mundo e nele tento me achar, formam a essência desse trabalho. Se já é muito difícil atingir um autoconhecimento pleno por conta das diversas atribulações da vida; experienciar e viver uma rotina em uma cidade que sufoca e sequer dá tempo de parar. Se auto-explorar torna-se bem caótico e problemático. O que me levou a pensar sobre como - e se - as

idades de hoje, em especial São Paulo, nos ajudam a atingir um bem estar mental.

Entendendo este contexto, é provável que o projeto das almejadas instalações interativas entre num âmbito além de sua funcionalidade; tais instalações têm por objetivo trazer reflexões que partem do indivíduo e atingem o coletivo. Em outras palavras, surgem então como pequenos ambientes (aos quais dei o nome de micro-ecologias) que possuem uma atmosfera introspectiva baseada numa leitura dos meus mapas mentais. Aqui eu me dispo e me exponho a fim de, por meio de meu mapeamento, levar a uma expansão dos mapas mentais de quem experiencia as instalações. Intencionando assim levar o usuário a se conectar consigo mesmo, lembrando seu valor, identidade, e refazendo os seus caminhos por seus mapas mentais a fim de ser capaz de se abrir para si mesmo, e poder estabelecer ligações mais saudáveis não só com seu “eu” interior, mas com o ambiente e as pessoas que o envolvem.

Não pressupondo como um projeto de início, meio e fim, as instalações são

portas para experimentações. Ensaios para a introspecção por meio do espaço. Mas, acima de tudo, estas instalações buscam se apoiar nas diferentes experiências da minha vida, a fim de comporem pequenos espaços sensoriais e até mesmo trazerem à tona o papel fundamental que o espaço tem como gatilho para os ecos do passado, para as bagagens da vida ressoarem no presente através da percepção por meio do corpo. Portanto, mais do que um projeto finalizado, é um convite ao embarque conjunto em uma reflexão sobre si mesmo e sobre o espaço que vivenciamos, a fim de vislumbrar as potencialidades e as utopias que essas reflexões podem levar.

Sem um roteiro fechado, mas com ramificações em todas suas extensões, narro um enredo que vai desde os estudos filosóficos a respeito de mapa até minhas experiências pessoais que vão se entrelaçar e convergir numa linha em que mutuamente a teoria complementa a prática. Para tanto começamos o devaneio fazendo uma revisão bibliográfica que engloba desde teorias que me introduziram nessas reflexões - como as da autora Heloísa Neves -, até um desenvolvimento e tentativas

de conexões e releituras do processo perceptivo com textos de arquitetos como Peter Zumthor. Buscando assim fazer uma investigação um tanto singela do espaço como gatilho para os processos cognitivos. Ao final, com a apresentação das instalações, convido os leitores a navegarem pelos seus mapas mentais e se deliciarem pelo mundo que podem descobrir a partir de um pedaço do meu mundo (que eu materializei ao me despir por completo).

A[•]

Desde a adolescência quando, devido a minha sexualidade, comecei a ter sessões de terapia principalmente para entender o que se passava na minha cabeça e corpo, estendendo-se às implicações com minhas relações familiares e afetivas. Comecei também a desenvolver um grande interesse pelos aspectos cognitivos e psicológicos do ser humano. Somando-se a estes fatores a preocupação profissional que espreitava os próximos anos; afinal, o ciclo do colégio começava a findar, era necessário dar o próximo passo para um novo ciclo. Para mim decisões nunca foram fáceis de serem tomadas dadas as suas responsabilidades e consequências muitas vezes imprevisíveis; começava, assim, minha exploração pelos campos de interesse vocacional, e obviamente a psicologia entrou como uma das principais opções de curso.

Contanto, eu não estava satisfeito, para uma mente incansável e ávida pela criação não seria fácil seguir por esse caminho. Em suma, depois de tanto pesquisar, segui meu

caminho pela Arquitetura e Urbanismo. Logo no segundo semestre surgiu uma oportunidade para participar da Tutoria Científica-Acadêmica, a qual abracei e passei um ano sob a tutoria da Professora Doutora Clíce Mazzilli, que hoje me orienta novamente. Durante essa tutoria, além de apresentar teorias que fundamentavam a deriva urbana, como a dos situacionistas, ela nos apresentou o livro inspirado na tese de mestrado da Heloísa Neves, *Mapas do encontro: estudos da percepção* (2010). Aí então de maneira simplista eu iniciei meus estudos acerca da percepção do espaço.

Na época eu espreitava toda a beleza do espaço, explorando e levantando indagações sobre esse novo mundo da Arquitetura e Urbanismo que se montava ao meu redor, e, ao me deparar com o livro, várias das minhas indagações principalmente a respeito da percepção do espaço e suas implicações no sistema cognitivo começaram a aparecer. O que mais me fascinou em todo o conjunto foi a pesquisa tecida e desenvolvida em torno do conceito de mapas.

A despeito das diversas definições do que é mapear encontradas em diversas áreas, Heloísa Neves traça uma linha comum entre elas ao admitir que mapear é representar alguma coisa, seja um espaço, um fenômeno ou uma organização corporal. Além disso, acrescento que, além de representar, o conceito de mapear está fortemente atrelado a uma organização de informações que favorecem sua compreensão. Vale ressaltar o ponto de que tal organização não é necessariamente simples (principalmente para a área que vamos adentrar) ela pode ser extremamente complexa, mas consegue ser estruturada de forma a ser apreendida.


Esta reflexão acrescentada a este ponto veio de uma leitura que fiz do livro *Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade* (2010) de Caio Vassão no qual se defende o conceito de complexidade “como uma função do número de elementos que compõem um sistema: quanto maior o número de entidades, mais complexo será o sistema” (p. 24) e também a capacidade de modularidade por uma abstração de sistemas (p. 31). Acredito que sem essa capacidade de abstração da

complexidade não seríamos aptos a captar e processar todas as informações que recebemos do mundo.

Tais definições se estendem para o mundo da representação - que é amplo -, visto que o ato de representar se baseia no organizar e criar, o que está presente em qualquer ação cognitiva, seja em um mapa do mundo, em um mapa de uma cidade, em desenhos técnicos de arquitetura ou objetos de design, em um projeto de uma instalação, ou uma performance, uma foto, uma pintura ou até mesmo na maneira com que o corpo se arranja para apreender o um objeto ou um espaço.

As ciências cognitivas começaram a se apropriar do conceito de mapa enquanto metáfora para processos cognitivos advindos do diálogo transitório emergente da relação entre mente e espaço. Assim, se apossam do conceito para entender alguns tipos de representações internas do corpo.

Portanto, desviando da típica definição geográfica de mapas, a autora se apropria da rediscussão do espaço e das relações existentes



Vaso de argila feito pelo autor
mapeamento da apreensão que o corpo faz de um objeto.
[foto do autor]

a fim de discutir como as pessoas tecem novas formas de mapear o mundo em que vivem diariamente. Não que os seres humanos anteriormente não executassem tal ação, esta maneira de percepção sempre existiu, pois o corpo sempre criou mapas internos. Entretanto, apenas com o surgimento de novas discussões é que o conceito de mapa tomou maior proporção e assumiu novas interpretações e usos.

Dos conceitos de mapa, foram apresentados dois que a autora buscou estabelecer definições, limites e relações. Foi então introduzido aos conceitos de mapa do neurocientista António Damásio e do filósofo Gilles Deleuze. Enquanto este propõe o conceito filosófico que foca no movimento de um fenômeno em processo, aquele investiga as verificações possíveis dos mapas internos do corpo, por meio de imagens mentais e padrões neurais.

“Falando mais especificamente sobre a relação entre o conceito de mapa de Deleuze e Damásio, ressalto que embora estes autores trabalhem com diferentes


níveis de descrição, este estudo teórico os relaciona por entender que o mundo contemporâneo está em constante construção e movimento (tanto do ponto de vista macro quanto micro); sendo entendido, portanto, enquanto algo que se constrói juntamente com os pensamentos dos corpos que o habitam. Isto é, o mundo se constrói a partir da relação entre mapas externos (descritos por Deleuze) e mapas internos (descritos por Damásio) e, embora os autores não partam dos mesmos pressupostos apontam para uma possível sintonia e coerência, mostrando ao final que não há uma dualidade radical entre ‘dentro’ e ‘fora’, mas sim, fluxos inestancáveis.” (NEVES, 2010, p. 13)

Para Damásio, mapa pode ser entendido como um padrão neural ou uma representação da forma da estrutura que o corpo organiza para perceber um objeto, seja ele interno ou externo. Ele fornece os parâmetros para que o objeto seja percebido, mas visto que cada “corpo-mente” (expressão utilizada pela autora Heloísa Neves para frisar que, em seu estudo, a palavra corpo designa o conjunto corpo, mente

e cérebroⁱ) possui sua própria composição interna de padrões neurais, todos os objetos serão apreendidos a sua maneira.

Outra questão implícita a este fato é que vivenciamos o mundo de forma bastante particular, ou seja, há uma correspondência entre o que percebemos e os nossos padrões neurais, a qual não se dá ponto a ponto, fazendo com que o objeto percebido e mapeado não seja totalmente correspondente ao objeto real. Na verdade, o cérebro como um sistema infinitamente criativo - por meio de suas estruturas e parâmetros internos - constrói mapas desse ambiente percebido, recriando um mundo único em paralelo. Em outras palavras, cada um percebe o mundo a sua forma. E para mim não há nada mais belo que a diversidade criada na mente de cada um. Já é incrível que partilhemos o mesmo espaço com seres diferentes, permitindo que este mesmo espaço seja recriado de maneira distinta em cada pessoa, de acordo com sua vivência. Sendo

i aqui dados como três elementos como estruturas separadas para fins de explicações, não se deve admitir que eles agem como estruturas autônomas, mas como integrantes necessárias de um mesmo processo.




*Montagem da instalação
diferentes bagagens e suas contribuições.
[foto do autor]*

assim, há vários mundos sendo recriados e reforçados a cada milissegundo.

Tanto Heloísa Neves quanto Damásio, vão defender que construir mapas equivale a construir representações e, portanto, ambos fazem questão de afirmar o uso da palavra “representação”, que desvia da noção de que a imagem mental pelos mapas se assemelha fielmente ao objeto percebido, Damásio salienta esse equívoco:

“O problema com o termo representação não é a ambiguidade, já que todos podem deduzir o que ele significa, mas a implicação de que, de algum modo, a imagem mental e no cérebro, o objeto ao qual a representação se refere, como se a estrutura do objeto fosse reproduzida na representação. Quando uso a palavra representação, não é isso que estou sugerindo. [...] Quando você e eu olhamos para um objeto exterior a nós, cada um forma imagens comparáveis em seu cérebro. Sabemos disso muito bem, pois você e eu podemos descrever o objeto de maneiras muito semelhantes, nos mínimos detalhes. Mas isso não quer dizer que as imagens que



“Vácuo” (Série “Identidade”)

diz respeito ao fato de o espaço conter um quê somente preenchido pelo indivíduo que o vivência, representando novas formas de apropriação dele.
[foto do autor]

vemos sejam a cópia do objeto lá fora, qualquer que seja sua aparência. Em termos absolutos não conhecemos essa aparência. A imagem que vemos baseia-se em mudanças que ocorreram em nosso organismo - incluindo a parte do organismo chamada cérebro - quando a estrutura física do objeto interagiu com o corpo. Os mecanismos sinalizadores de toda nossa estrutura corporal - pele, músculos, retina, etc. - ajudam a construir padrões neurais que mapeiam a interação do organismo com o objeto. Os padrões neurais são construídos segundo as convenções próprias do cérebro, e são obtidos transitoriamente nas diversas regiões sensoriais e motoras do cérebro que são apropriadas ao processamento de sinais provenientes de regiões corporais específicas, digamos, pele, músculos ou retina. A construção desses padrões neurais ou mapas baseia-se na seleção momentânea de neurônios e circuitos mobilizados pela interação.” (DAMÁSIO, 1999, p. 405)

Fica implícito que construir mapas, representar o mundo percebido está totalmente atrelado com um processo de criação, e talvez pudéssemos grosseiramente substituir

“representação” por “criação”, visto que o mapa está sempre em movimento, reestruturando-se consecutivamente, a partir de cada nova interação do nosso corpo com o ambiente em que ele está vivenciando. Portanto, é no encontro entre corpo e ambiente que a representação se forma e é reconhecida - sendo mapeada - pelo corpo.

Enquanto Damásio versa sobre os mapas internos, como já foi dito, Deleuze com sua teoria de rizoma traz a conceituação do mapa externo. Sobre ele o filósofo discorre que o mapa seria uma representação (no mesmo conceito já construído) holisticamente voltada para uma experimentação ancorada na realidade, na ação progressiva e contínua impossibilitada de voltar a si mesma. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói ativamente. (DELEUZE, GUATTARI, 2002, p. 22). Para ele, o contrário dessa estrutura seria o decalque como imagem estática e sem temporalidade, como uma fotografia ou pintura, enquanto que essa estrutura caótica, não hierárquica e potencialmente libertária é chamada por ele de rizoma, o qual metaforicamente possui o

mesmo conceito de mapa. Enquanto o mapa busca sempre o tempo real, o decalque vai fixar a imagem por um maior tempo, permitindo que o corpo tenha um contato maior com o que foi decalcado do mapa.

Sendo assim, a forma como vemos o mundo e como os mapeamentos externos são apreendidos depende desse mapa externo que “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.” (DELEUZE e GUATTARI, 2002, p. 42). Em outras palavras, ativamente participamos das construções desses mapas externos, visto que eles representam formas móveis de organização, e é por meio deles que desenhamos nossas conexões, alongamos nosso espaço e atualizamos nosso modo organizacional (NEVES, 2010, p. 20) Em complemento, de forma direta ou indireta


atuamos sobre os outros corpos assim como recebemos a ação deles.

Talvez valha uma observação que me ajudou a ter o entendimento de mapa externo do ponto de vista deleuziano não apenas como uma estrutura atuante no mundo, mas principalmente como uma estrutura atuante na percepção do mundo; como uma estrutura que se constrói de forma consciente ou inconsciente nos corpos. Paralelamente, os mapas internos discutidos por Damásio dizem respeito a estrutura interna do corpo e as suas modificações para a apreensão do mundo. Quando eu tento entender o papel de cada mapa construído pelos autores, visualizo duas estruturas orgânicas, inicialmente separadas e infinitas em suas terminações (uma que diz respeito aos mapas internos e todos seus padrões neurais, e outra que diz respeito ao mapa externo com todas estruturas que compõem o mundo percebido consciente ou inconscientemente), que começam a estabelecer novas conexões ao passo que abrem margem para outras novas conexões.

Este ponto prova a indissociabilidade

do corpo e do ambiente dentro do processo de percepção. O ambiente não pode ser entendido separadamente de um corpo, ou seja, os objetos não estão “lá fora” livres das capacidades perceptuais e cognitivas, assim como não estão “aqui dentro” independentes do mundo cultural e biológico que nos rodeia. Há uma troca incessante entre o que está “dentro” e “fora” fazendo uma coexistência acontecer do objeto percebido e do que é mapeado a partir dele, desse mesmo modo uma co-determinação se processa como pode ser visto na manifestação do processo de evolução dos seres. Logo, tendo em vista este movimento de influência entre corpo e ambiente como também a teoria de Deleuze, temos a idéia de viver em um mundo totalmente em movimento, não estático, em constante transformação visto estar aberto a novas conexões que são feitas a todo segundo. Um mundo que se forma a partir de fluxos incessantes de transformações que se comunicam conosco, nos transformando e também se transformando.

Um exemplo dado pela autora Heloísa Neves em sua tese foi muito importante para que eu fosse capaz de entender melhor



Pavilhão do Conhecimento – Lisboa
interação entre o “dentro” e “fora”.
[foto do autor]

como esta coexistência e co-determinação aconteciam. Confesso que ele foi parte da minha infância, mas eu não lhe dava tanta atenção assim, mas desde a primeira vez em que li sua tese, esse desenho se tornou muito mais genial e tocante. Ela cita o desenho infantil chamado “A Mansão Foster para Amigos Imaginários” (MCCRACKEN, 2005) onde crianças espacializam amigos imaginários conforme vão pensando e os construindo. Quando abandonados, eles recebem acolhimento na mansão. Há diversos amigos imaginários bem intrigantes como Minguado, Eduardo e Coco, mas o que mais me interessou neste desenho foi a exemplificação que ele trouxe ao expor um mundo unificado entre as ações e pensamentos porque propõe a representação (como criação) enquanto a própria ação. Ao criar uma história onde cada criança mapeia e representa em tempo real a sua maneira o que está pensando e sentindo, não é estabelecido mais uma diferenciação entre perceber um objeto e já criá-lo. (NEVES, 2010, pp. 23-24)

Não de forma tão fantasiosa, mas constantemente estamos criando mapas. Mais

do que produção de imagens simbólicas, mapear metaforicamente é representar em tempo real algo intrínseco aos nossos corpos, sendo impossível para o ser humano não imaginar ou deixar de criar. Ao me encontrar com o mundo, me identifico, me recrio, me re-imagino, me redesenho totalmente. Hoje não consigo me imaginar ou me ver fora desse processo, visto que dentro dele, eu me sinto fluído, dinâmico, simultâneo, representando a própria história do encontro do meu corpo com o mundo.

A

B

Visto que todo o fenômeno perceptivo parte de um encontro entre o ambiente e o corpo, segui a pesquisa me aprofundando nesse processo para entender melhor como os mapas internos são formados e quais as entidades que participam desse fenômeno. De fato, os campos da ciência cognitiva e da filosofia da mente afirmam que para que o fenômeno perceptivo se processe, é necessário que haja um contato entre o corpo e o objeto. Não necessariamente um contato físico, mas sim um encontro para que o fluxo entre o meio interno e externo seja dinamizado.

É importante enfatizar que, mesmo que estabeleçamos o corpo como um ponto referencial, não há uma barreira que divide ambos os meios (fora e dentro), pelo contrário, há uma membrana totalmente permeável que é composta pelos fluxos entre corpo; como soma, mente e cérebro; e mundo, que interagindo, possibilitam que o fenômeno perceptivo aconteça e a consciência da coexistência de ambos se torne real.

Há milhares de encontros acontecendo diariamente, pois o corpo está constantemente em contato com coisas, ambientes, seres e situações, e, portanto, todas estas entidades envolvidas no encontro estão constantemente se reorganizando. De fato, a percepção é uma parte primordial do encontro, senão a mais íntima. Contudo, reduzir o encontro à percepção é muito pobre e também não caminha rumo aos estudos que as ciências cognitivas vem desenvolvendo. Os estudos acerca da percepção vêm acompanhados de outros dois tópicos fundamentais que acontecem dentro do encontro e que envolvem não somente a mente, mas o corpo, assim como a percepção. São eles as emoções e os sentimentos.

O encontro como um processo contínuo é sempre expresso em duas maneiras: uma totalmente íntima, que só quem está realizando a ação é capaz de entender, a que corrobora para a formação dos mapas internos descritos por Damásio; e outra que é capaz de ser externalizada e compartilhada com as pessoas, atrelada aos mapas externos conceitualizados por Deleuze.

Enquanto a parte do encontro que é totalmente íntima e apenas revelada ao seu proprietário se restringe ao sentimento e à percepção, a parte do encontro que é capaz de ser externalizada por ações e movimentos visíveis ao público, ou invisíveis a olho nu e captadas por aparelhos científicos modernos, é chamada de emoção. Contudo, apesar de conhecermos os três processos participantes do encontro, necessitamos estabelecer as ações específicas às quais a percepção, o sentimento e a emoção correspondem.

Damásio em seus livros (2003, 2012) por meio de experimentos defende a conclusão da separação entre as emoções e sentimentos, confirmando que se processavam em lugares diferentes do cérebro mantendo, entretanto, uma relação. Em alguns dos seus casos “[...] quando os doentes perdiam a capacidade de exprimir uma certa emoção também perdiam a capacidade de ter o correspondente sentimento. De forma surpreendente, contudo, alguns doentes incapazes de ter certos sentimentos eram ainda capazes de exprimir as emoções que lhes correspondem ou seja, era possível exibir uma expressão de medo mas não sentir

medo. A emoção e o sentimento eram irmãos gêmeos, mas tudo indicava que a emoção tinha nascido primeiro, seguida pelo sentimento, e que o sentimento se seguia sempre à emoção como uma sombra. Apesar da intimidade e aparente simultaneidade, tudo indicava que a emoção precedia o sentimento.” (DAMÁSIO, 2003, p. 14)

Além disso, por meio desse trecho e dos estudos de Damásio, percebemos que as emoções e as várias reações a ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos e a percepção estão mais alinhados com a mente. Obviamente não estamos dizendo que os processos se desenvolvem de maneira independentes, pelo contrário, ambos estão associados e o mapeamento desse processo se dá mutuamente em corpo e mente.

Como apreendemos o mundo por meio de imagens a diferenciação entre a percepção e o sentimento será a fonte dessas imagens. Enquanto o objeto que desencadeia a percepção é uma imagem externa; a imagem que desencadeia o sentimento é uma imagem interna (uma lembrança de alguma situação,

de algum objeto, de uma memória). (NEVES, 2010, p. 46)


Para esta pesquisa ambos os processos se tornaram essenciais para o entendimento, e a pesquisa e conceitos de outros teóricos da área da psicologia e filosofia me ajudaram a delimitar a relação entre a percepção e o sentimento. Visto que nossos corpos praticam os três níveis do processo do encontro (emoção, percepção e sentimento), é necessário que entendamos como ocorre o fenômeno desse processo.

Este processo se inicia com a emoção. Após entrar em contato com um objeto (seja uma coisa, um ser, um ambiente, uma situação, etc.), o corpo passa por uma reestruturação e o mapeamento desses ajustes irá provocar os outros estados: o sentimento ou a percepção, dependentes da situação das imagens desencadeadas por ele.

Quando se dá o encontro, a emoção se esquematiza da seguinte maneira: ela se torna uma coleção de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto no

corpo. Exemplificando tais respostas, podemos ter alterações metabólicas, ativamento de reflexos básicos, comportamentos, emoções propriamente ditas, etc., tudo que envolve alteração corporal, pois, ao ter um contato com o objeto, essas respostas irão culminar em uma alteração temporária do estado do corpo e do estado das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e sustentam o pensamento.

“As emoções são um meio natural de encontrar o ambiente, [...]. Podemos encontrar a cidade e seus diversos objetos conscientemente ou inconscientemente. Quando a encontramos conscientemente, estamos realmente avaliando, notando a presença de um objeto, sua relação com outros objetos e com o passado. Quando o encontro é consciente, podemos modular as reações. Quando ocorre um encontro inconsciente ainda assim a emoção continua a fazer parte do processo e indica que o organismo avaliou de maneira menos atenta a situação. Por isso podemos dizer que o encontro é também uma reação automática do corpo de tal maneira que não é possível viver em uma cidade sem se ‘embriagar’ dela.” (NEVES, 2010, p. 50)



Templo de Poseidon – Cape Sounion
interação entre corpo e espaço reverberando em
emoções inesquecíveis.
[foto do autor]

O final do processo emotivo se dá quando o corpo atinge uma circunstância de estabilidade com a imagem recebida. Neste momento, as emoções já foram todas mapeadas no cérebro e o próximo nível é o sentimento e/ou percepção, pois são eles que dão o controle ao processo que antes podia estar acontecendo de forma involuntária. Visto que esse processo do encontro está totalmente atrelado ao corpo que passa por ele, haverá uma grande importância quanto ao ponto de vista, dado o fato dele ser essencial para como o corpo reagirá e se relacionará com determinada situação. Uma pessoa que vê pela primeira vez a imagem de um objeto caindo em sua direção sofrerá uma série de ajustes que são mapeados no corpo dessa pessoa. A sinalização dessas mudanças - a emoção - é uma forma de implementar na mente dessa pessoa a percepção do seu corpo, a fim de que ela enfim reaja voluntariamente a fim de escapar do possível acidente. Uma pessoa que estivesse no outro lado da rua ou até mesmo que caminhasse ao lado dessa, teria uma outra reação. Aqui fica evidente o papel fundamental do corpo como principal meio e ponto de vista do processo do encontro com o mundo,

assim como fica evidente como o processo do encontro se inicia no nível da emoção e segue atingindo o nível da percepção. Tanto qualquer emoção quanto qualquer percepção são indissociáveis do corpo.

“Resumindo, o encontro perceptivo acontece quando a imagem do objeto afeta um corpo (e isso acontece a todo momento). A percepção que esse corpo tinha antes de ter recebido essa imagem era diferente, possuía um desenho diferente do que a que ele tem nesse momento. Agora, a imagem do objeto que o corpo percebeu através do encontro afetou-o de tal maneira que ele precisou se reorganizar, se reestruturar, modificar seu desenho. Como o próprio estado do organismo é afetado nesse encontro, havendo uma acomodação interna da imagem externa, diz-se que o evento possui um contexto espacial e temporal. O corpo entrou em interação com o objeto e se transformou.” (NEVES, 2010, p. 52)

Isto é o que acontece quando a fonte a imagem é externa ao corpo. No caso do sentimento, temos um processo muito parecido,

só que a imagem que desencadearia as emoções que serão mapeadas e originarão o sentimento surgem internas ao próprio indivíduo, seja como uma lembrança de alguma situação, de algum objeto, de uma memória, etc. Ao ter o encontro com essa imagem interna e o corpo sofrer as modificações, os ajustes serão mapeados a fim de que o corpo seja capaz de sentir as reverberações dessa imagem.

Para o meu estudo eu cheguei a um ponto em que se fazia necessário apontar para um diálogo entre percepção e sentimento, visto não sermos capazes de nos isolar de bombardeios de imagens internas e externas. Quando passamos pelo processo do encontro, acredito que tanto as imagens internas quanto as externas irão ressignificar toda nossa estrutura dos mapas mentais. Uma imagem seja qual for a sua fonte desencadeará não só o nível das emoções, mas também serão capazes de trazer à tona outras imagens externas ou internas ao corpo que passa pelo processo. Neste trecho abaixo, Damásio no livro *Em Busca de Espinosa* (2003), exemplifica, por meio de uma vista de um pôr-do-sol sobre o oceano, como processo do encontro

chega tanto ao nível da percepção quanto do sentimento. Apesar do autor dar mais ênfase ao sentimento, ele também defende que tanto qualquer tipo de percepção quanto qualquer sentimento fazem parte do fenômeno do encontro, podendo estabelecer um processo potencialmente reverberativo no nível das imagens.

Como no caso da percepção visual, uma parte do fenômeno é devida à construção interna que o cérebro faz desse objeto. Mas, uma coisa que é bem diferente no caso dos sentimentos; e a diferença não é de todo trivial; é que os objetos e situações que constituem as origens imediatas da essência do sentimento estão colocados dentro do corpo e não fora dele. Os sentimentos são tão mentais como qualquer outra percepção, mas os objetos imediatos que lhes servem de conteúdo fazem parte do organismo vivo do qual os sentimentos emergem.

“[...] O panorama espetacular de um pôr-do-sol sobre o oceano é um objeto emocionalmente competente. Mas o estado do corpo que resulta

de contemplar esse panorama é o objeto imediato que está na origem do sentimento, e é o objeto cuja percepção constitui a essência do sentimento. Uma outra diferença diz respeito ao fato de que o cérebro tem meios diretos para responder a esse objeto imediato, dado que o objeto imediato se encontra dentro do corpo, e não fora dele. O cérebro pode atuar diretamente sobre a estrutura do objeto que está em vias de perceber. Por exemplo, pode modificar o estado do objeto, ou seja, alterar o estado do corpo, ou modificar a transmissão dos sinais que lhe chegam do corpo. O objeto imediato do sentimento e o mapa desse objeto podem influenciar-se mutuamente numa espécie de processo reverberativo que não é possível encontrar na percepção de um objeto exterior ao corpo.” (DAMÁSIO, 2003, pp. 98-99)

de mais valioso e grandioso nesse trabalho: o reconhecer-se.

Para este trabalho esta reflexão se tornou extremamente importante, pois redesenhar seus mapas por meio de encontros com o espaço é suscitar diversas imagens internas que se reverberarão no corpo-mente e novamente espaço. E buscar os contornos desses mapas navegando por eles e suscitando novos encontros internos acaba trazendo o que há

A

B

C

.mapa do encontro

Para a autora Heloísa Neves em sua pesquisa é muito importante a conceitualização de mapa e do encontro; visto que este primeiro é a representação de algo dinamicamente e em tempo real, enquanto o segundo busca mostrar a inseparabilidade do corpo e do ambiente durante o fenômeno perceptivo; a fim de estabelecer o conceito de mapa do encontro. Portanto, construir mapas do encontro é representar esta ação dos corpos e ambientes se misturando em tempo real, a fim de que esse jogo faça com que as partes envolvidas entrem em um processo de reorganização, de criação de outros estados, imagens, que fazem parte de todo o processo do encontro.

Porém, para delinear melhor as estruturas do mapa do encontro, a autora estabeleceu quatro parâmetros fundamentais para a organização dele que são: a inseparabilidade subjetivo-objetivo, a alta plasticidade, o indeterminismo e a impossibilidade da representação do processo completo. Achei pertinente o acréscimo de

um quinto parâmetro que permite a melhor apreensão de sua estrutura: a complexidade e capacidade de abstração.

A inseparabilidade entre subjetivo e objetivo define que não existe uma direção ou fonte única para a informação, ela acaba sendo construída na mediação entre o que pertence ao objeto e o que pertence ao sujeito, pois não há uma separação entre ambos e sim um processo contínuo num espaço intermediário do “entre” ou como já foi mencionado antes, uma membrana totalmente permeável composta por esses fluxos de informação que irão culminar no processo do encontro. Desta inseparabilidade entre objeto e corpo é possível dizer que todo o mapeamento depende das duas visões, tanto a subjetiva quanto a objetiva e ele se cria a partir dela.

“Conforme vamos reconhecendo que o corpo possui o poder de rearranjar imagens externas, de mesclar as imagens percebidas com imagens internas e de seu repertório individual, passamos a perceber que nosso ambiente é criado com a ajuda das percepções e sentimentos de cada corpo. É o trânsito entre os mapas

internos e externo que vai fazer e refazer constantemente a imagem da cidade, de um espaço específico ou mesmo de um objeto a cada um de nós.” (NEVES, 2010, pp. 53-54)

A alta plasticidade é uma característica intrínseca aos mapas do encontro, pois a transformação é altamente dinâmica, visto que um corpo ou um objeto tem muita facilidade em se refazer, reorganizar ou recodificar, sendo totalmente maleável ao momento.


Já o indeterminismo vem estabelecer que a estrutura do mapas não pode ser prevista ou pré-determinada. Não é possível afirmar que um ambiente vá estabelecer tudo o que o indivíduo é ou vice-versa. Como já foi dito anteriormente, ambos se transformam e nessa interação não é possível afirmar o que será tido como “resultado”. Caso, isso fosse verdade, tiraria toda a riqueza do processo do encontro e viraríamos seres programados para lidar com os demais objetos, ou teríamos um mundo totalmente estagnado, mas a própria história da ciência e da natureza mostram que este pensamento está totalmente errado, pois não

seríamos seres pensantes e as transformações e invenções seriam totalmente perdidas.

O que se torna mais interessante para este trabalho quanto ao indeterminismo é que sempre que experimentamos o espaço, teremos uma reação diferente, mesmo que o espaço hipoteticamente ainda tenha características totalmente iguais, pois ainda assim seríamos seres diferentes que re-significam o mesmo espaço. Por conta disso, se torna muito difícil e até errôneo prever quais usos o espaço irá assumir. Ainda que um arquiteto ou designer busque principalmente clarificar os usos de seus produtos; algo que poderíamos remeter a implementação do termo *affordance*ⁱ; eles não são capazes de predizer tudo o que acontecerá com seus objetos ou espaços.

Aqui seria interessante citar o exemplo do arquiteto holandês Rem Koolhaas que baseando-se nas teorias da complexidade,

i aqui me aproprio do termo “affordance” cunhado e introduzido pelo livro *O Design do Dia-a-Dia* (2006), do Donald Norman, o qual refere-se às propriedades percebidas dos objetos, principalmente as propriedades fundamentais que determinam de que maneira o objeto ou ambiente poderia ser usado. (NORMAN, 2006, p.33)



Manarola - Cinque Terre
affordance de um espaço natural.
[foto do autor]

projeta edifícios com o maior número de possibilidades de eventos tendo em mente que, mesmo com a permanência das formas, os usos e apropriações acabam por se transformarem continuamente através do uso.

Como já foi bem desenvolvido anteriormente, o processo do encontro possui tanto sua parte mais externa; as emoções; quanto a mais interna; a percepção e o sentimento; visto que a parte interna do processo só pode ser totalmente vivenciada pelo corpo que passa pelo processo, não é possível que o processo completo seja representado externamente. Esta é outra característica do mapa do encontro. Como parte do processo é totalmente íntima, ele não é capaz de ser nem ao menos descrito, pois ao passo que é externalizado, ele se torna pura emoção. Mesmo que outros corpos tentem exprimir as mais fiéis explicações de imagens recebidas, ainda assim elas alterariam seu significado na re-transmissão da imagem para outros corpos, por exemplo. Qualquer imagem, vinda de “fora” e entrando no seu corpo por meio dos seus órgãos perceptivos, não vem sozinha, ela acaba se relacionando com toda


uma carga histórica que este corpo criou durante toda a sua vida. (NEVES, 2010, pp. 57-59)

Por fim, Caio Vassão em seu livro *Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade* (2010) estabelece o conceito de abstração de sistemas complexos. Ao falarmos metaforicamente de mapas cognitivos, estamos a lidar com um sistema bem complexo de informações e da sua impossível apreensão total, visto que a composição deles é feita por inúmeros padrões neurais que estão sempre se articulando para processar as imagens recebidas e produzidas. A Cibernética usa um termo denominado “Caixa-Preta” para designar “um conjunto de objetos ‘encapsulados’ tornando uma coleção fechada de entidades, cuja operação e funcionamento são conhecidos. Essa é uma das técnicas mais utilizadas para a simplificação da complexidade.” (p. 29)

Criar “Caixas-Pretas” pode ser uma atitude banal e é corriqueiramente utilizada no nosso dia a dia. Estamos comumente a chamar essa ação de criação por “abstração”.

Ao encontrarmos um objeto, todo mapeamento é feito a partir de uma abstração dos padrões neurais que agrupados correspondem ao objeto, logicamente este evento não acontece isoladamente de todos os outros padrões neurais, pois há uma ligação complexa entre eles e esta mesma ligação pode ou não reverberar em outras imagens. Contudo, o que está implícito dentro deste processo de abstração é o que o autor chama de “ignorância seletiva” que permite que articularmos os padrões neurais de forma mais localizada dentro do processo perceptivo. Portanto, quando mapeamos o encontro, estamos entrando num estado em que todas as correspondências necessárias estão sendo feitas para que o objeto encontrado seja apreendido pelo corpo em detrimento de toda sua complexidade. (VASSÃO, 2010, p. 31)

Após desenhar as estruturas fundamentais do mapa do encontro, Heloísa Neves também enfatiza que o mapa do encontro possui aspirações que lhe dão vida, elas - de fato - não são necessárias para o funcionamento do mapa em si, mas é por meio delas que ele ganha “tamanho” e “força”.



Place Stanislas - Nancy
mapeamento a partir da percepção visual.
[foto do autor]

A primeira delas é como os mapas são criados colaborativamente entre seres e ambiente o que lhe dá mais energia e vibração. O fato de estarmos sempre trabalhando simultaneamente em dois níveis: um mais íntimo e outro mais público; possibilita que se alarguem as nossas relações e conhecimentos, pois “o indivíduo deposita parte de seus conhecimentos e estados de ânimo na rede e, em troca, obtém maiores quantidades de conhecimento e oportunidades de sociabilidade.” (RHEINGOLD, 2004, p. 57 apud NEVES, 2010, p. 60)

Tal coletividade nos possibilita que, mesmo que não consigamos nos conectar com milhares de mentes e ambientes, criemos nichos de convívio, construindo grupos sociais, espaços, vizinhanças, cidade, etc.

A emergência surge como uma aspiração muito intrínseca ao mapa do encontro e também muito atrelada à estrutura complexa dele, visto que busca entender como sistemas estruturalmente simples são capazes de emergir com comportamentos complexos. Para que ela aconteça, é necessário uma grande quantidade de corpos, ignorância com relação ao que

irá emergir, encontros aleatórios, padrões através dos sinais e atenção aos vizinhos. (JOHNSON, 2003 apud NEVES, 2010, p. 62). O que poderia soar como uma incoerência com relação à quinta estrutura citada acima, na verdade pode ser bem resolvida quando pensamos que o sistema se torna complexo pela quantidade de informações que ele comporta, mas ao mesmo tempo estruturalmente é simples por entendermos os componentes que o formam. O mapa como entidade formada simplesmente por padrões neurais possui uma densa e numerosa informação que ao se deparar com o objeto é capaz de gerar comportamentos totalmente complexos.

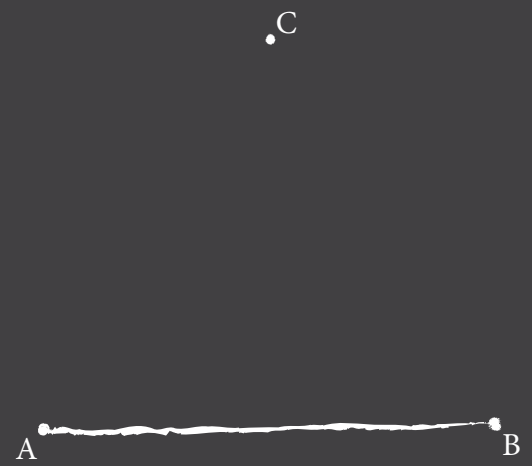
Outra aspiração que o mapa tem é não invocar uma leitura conclusiva, e sim observativa por meio de padrões, visto que eles não impõem um fim ao processo. Os padrões são resultados de um aprendizado mútuo entre corpo e ambiente pelo trânsito de informação entre eles, que acabam sendo gerados e entendidos ao longo do tempo.

Longe de estabelecer uma hierarquia,

o mapa coletivamente também aspira um crescimento horizontalizado. Contudo, essa é a maior dificuldade quando estamos falando sobre estabelecer mapas conectáveis entre pessoas, pois há uma grande tendência de sobreposição de imagens numa ordem hierárquica. Em oposição a isto, o crescimento dos mapas busca a não organização piramidal, ele cresce e se expande sem que haja um “líder” comandando suas bordas e conexões, isto também determina sua emergência como já foi dito.

Sua penúltima aspiração vai de encontro ao que Deleuze teorizou sobre rizomas, sobre serem estruturas abertas a novas conexões e se resignificarem. O mapa aspira possuir código aberto, esta expressão vem do inglês *open source* que é muito popular para designar softwares que pudessem ser usados em qualquer propósito, visto que possibilitam o acesso ao código fonte do sistema, permitindo que fossem estudados e adaptados para as necessidades de qualquer indivíduo que os manipule. Da mesma forma que o conceito de mapas se alastrou para outras áreas que não fossem da geografia, por exemplo, o

open source também se alastrou. Portanto, o mapa se apropria também desse termo e possui estruturas abertas a serem totalmente modificadas e ajustadas, isto lhe dá vida e dinamicidade. E por último, seguindo a mesma linha, a aspiração que define como o mapa será alimentado é pela capacidade de que nos corpos e objetos no qual o mapa é criado serem abertos e ávidos a estabelecer essas novas conexões. Da mesma maneira, o mapa aspira por essa abertura de forma constante, a fim de que, ao interagir com outros corpos e objetos seja retroalimentado com informações constantes.



.desenvolvimento

Tendo está base em mente, passei os anos da graduação observando de forma mais sutil como de fato os mapas que construímos em tempo real sobre todas as disciplinas da nossa vida vão nos transformando e nos ressignificando quanto a indivíduos com uma determinada identidade, se refazendo continuamente pelo encontro com o mundo, mas mantendo uma raiz que nos difere e nos determina.

Mais do que um aprendizado e observação científica, eu comecei a trazer esses estudos para minha vida pessoal. Isto permitiu não só que eu navegasse pelos meus próprios mapas, me redescobrimo e me ressignificando, mas também permitiu que eu fosse sendo mais capaz de entender de forma menos superficial como nos conectamos uns aos outros, além também de poder entender de forma um pouco mais sensível as emoções produzidas pelas outras pessoas.

Isto foi mais uma lição de vida que me

permitiu rever de forma mais latente como nos relacionamos e depois de diversas experiências familiares, afetivas e amorosas, pude me refazer pensando de fato na beleza dessa transformação. De forma empírica, eu poderia dizer que de fato nós nos transformamos a partir de nossos mapas, mas a intensidade dessas mudanças só irão depender, de fato, do quanto estamos abertos a uma reestruturação, visto que, por vezes, excluimos situações que nos causam grandes impactos negativos.

Sobre a questão das transformações e reestruturações dos mapas, os psicanalistas Nicolas Abraham e Maria Torok (1995) definiram dois processos distintos para os casos de experiências envolvendo perdas, denominando-os de introjeção e de incorporação.

O primeiro diz respeito ao trabalho psíquico que faz reparos e instrui o aparelho psíquico em direção ao seu próprio alargamento e expansão em vias de introjetar as ligações desligadas sobrando do objeto a fim de torná-lo apto a estabelecer novas e inéditas experiências; já o segundo trabalha a ideia da


recomposição do que foi perdido que passa a ser reincorporado pelo próprio “eu” e arrastado pelo psiquismo. Este “morto” é guardado no próprio “eu” e para o próprio “eu” salvo de qualquer perda, cobiça ou desejo alheio.

Em ambas as reestruturações dos mapas temos processos em que são refeitas conexões entre os padrões neurais para preencher lacunas de imagens que não fazem mais parte de nossas vidas. Os padrões neurais que corresponderiam às imagens internas são transformados, gerando outros tipos de emoções, sentimentos. Por conta disso que no “final” de cada processo acabamos por ser pessoas minimamente diferentes do que éramos, mas ainda assim mantendo nossa essência.

Não há situação mais exemplar para mim desse processo do que um término de um relacionamento. Como já foi dito, apreendemos o mundo por meio de imagens, então, quando amamos e nos relacionamos, temos sempre presente a imagem da pessoa que nos acompanha. Seu rosto, seu toque, seu abraço, seu beijo, sua companhia, sua voz. Tudo é transformado em imagens que

irão causar reações emocionais que serão mapeadas no corpo e percebidos no momento da vivência com o ser amado. Estes encontros nos mudaram sutilmente. Todas essas imagens serão guardadas pelo corpo em forma de memórias, lembranças, etc., que no futuro poderão desencadear outras emoções mapeadas e transformadas em sentimentos. Dentro do processo desses dois processos citados por Nicolas Abraham e Maria Torok, há algo em comum e que a mim me interessaram bastante: como a memória das coisas que nos tocaram em algum outro momento será capaz de nos transformar? Como o momento ou pessoa perdida irá servir para alargar e expandir nossos mapas resignificando nossas experiências futuras com as coisas?

Eu poderia responder simplesmente retomando a tudo que discorri nos primeiros capítulos, visto que a criação de mapas a partir dos encontros sempre nos resignificarão, contudo, ainda assim faltava estabelecer certas ligações que foram supridas pelo livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994) de Ecléa Bosi. No primeiro capítulo de seu livro, ela faz uma explanação do fenômeno da lembrança



Casais no Parque Ibirapuera
criação de imagens e reações emocionais.
[foto do autor]

elaborado por Henri Bergson que se tornou muito preciosa para clarificar as reverberações entre o fenômeno da percepção e o fenômeno do sentimento dentro do mapeamento do encontro.

Já falamos que, quando ocorre o encontro, nosso corpo recebe a imagem e as primeiras respostas advindas dessa interação são as emoções que, após serem mapeadas no corpo, irão se tornar percepção e/ou sentimento. Bergson evidencia que há a formação de dois possíveis trajetos que podem acontecer simultaneamente ou não: um é o trajeto imagem-cérebro-ação e outro é o trajeto imagem-cérebro-representação. Enquanto o primeiro trajeto é em grande parte motor, o segundo é estritamente perceptivo e sensitivo (os quais já dissecamos nos capítulos anteriores). Como ambos fazem parte do mapeamento do encontro, eles dependem do corpo que vive a situação sempre no momento imediato, realimentando-se desse mesmo presente em que o corpo se move em sua relação com o ambiente.

Entretanto, o discurso de Bergson precisa

enfrentar o problema da passagem do tempo, e aqui ele agrega a pesquisa pelo modo que traz à “memória”: uma reserva crescente a cada instante que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida, como uma bagagem inerente ao corpo e também como definidora da identidade dele, fazendo assim, a conexão da reverberação entre o fenômeno perceptivo e sentimental por meio do fenômeno das lembranças: “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças.” (BERGSON, apud, BOSI, 1994, p. 46)

Dentro do fenômeno da lembrança, a memória atuará buscando consolidar uma relação do corpo presente com o seu passado, podendo até interferir no processo imediato das representações. Em outras palavras, a memória suscita também imagens internas que reverberarão em novas representações, estabelecendo, assim, uma estreita, íntima e rica colaboração entre percepção e sentimento.

“Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças

deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens” (BERGSON, apud, BOSI, 1994, p. 46)

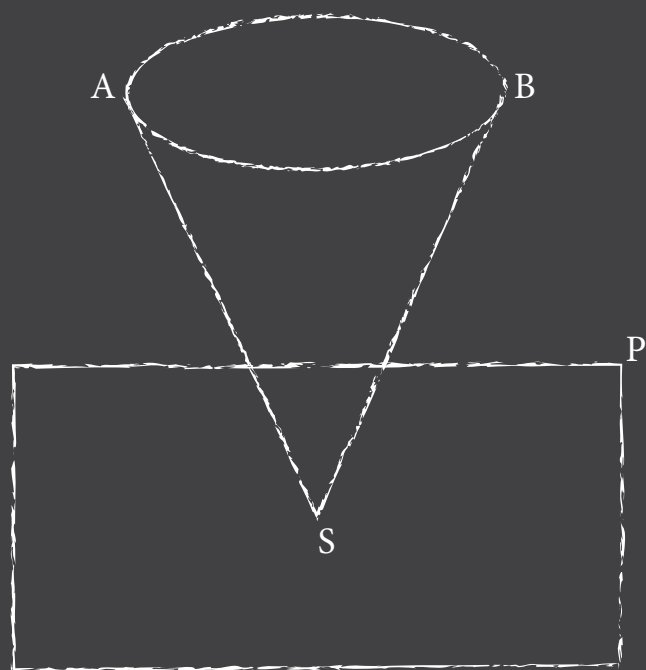


Diagrama de Bergson I

[baseado no diagrama de Bergson sobre memórias]

Para se entender mais a ponte que o fenômeno da lembrança faz o entre as duas vertentes do processo de encontro, Bosi dá início buscando pensar a etimologia do verbo “lembrar-se”, do francês *se souvenir* que significaria um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, *vir à tona* o que estava submerso. A fim de que visualizasse esse fenômeno, Bergson elaborou um diagrama representando a memória pela figura de um cone invertido, sobre a qual comenta: “Se eu represento por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, ao passo que o vértice S, que figura em todos os momentos o meu presente, avança sem cessar e sem cessar, também, toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de

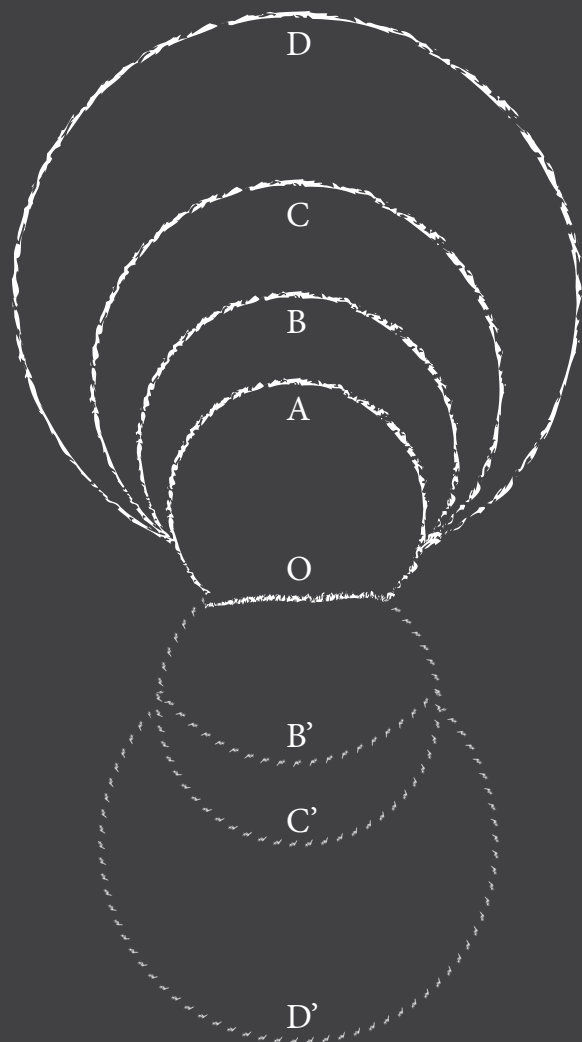


Diagrama de Bergson II

[baseado no diagrama de Bergson sobre extensões]

todas as imagens de que se compõe o plano.”
(BERGSON, apud, BOSI, 1994, p. 48)

Ainda sobre este fenômeno Bosi irá estabelecer uma reverberação originada de um desencadeamento de memórias causadas por um objeto, por exemplo. Sobre isto ela busca outro diagrama de Bergson e comenta: “Explicitando, pode-se dizer que a memória apresenta vários círculos, de extensão desigual. O mais estreito, A, é o mais próximo da percepção imediata. Ele só contém o objeto O com a imagem consecutiva que vem cobri-lo. Atrás dele, os círculos B, C, D, cada vez mais largos, respondem a esforços nascentes de expansão intelectual. É o todo da memória que entra, em cada um desses circuitos, já que a memória está presente sempre: mas essa memória, que a sua elasticidade permite dilatar indefinidamente, reflete sobre o objeto um número crescente de coisas sugeridas, ora detalhes do próprio objeto, ora detalhes concomitantes que possam contribuir para esclarecê-lo. Assim, depois de ter reconstruído o objeto apercebido, à maneira de um todo independente, nós reconstruiremos, com ele, as condições cada vez mais longínquas com

as quais ele forma um sistema. Chamemos B', C', D' essas causas de profundidade crescente, situadas atrás do objeto, e virtualmente dadas com o próprio objeto. Vê-se que o progresso da atenção tem por efeito criar de novo não somente o objeto apercebido, mas os sistemas, cada vez mais vastos, aos quais ele pode vincular-se de sorte que, à medida que os círculos B, C, D representam uma expansão mais alta da memória, a sua reflexão atinge em B', C', D' camadas profundas da realidade.” (BOSI, 1994, p. 50)

Dessa forma, vemos um mecanismo bastante dinâmico, explosivo e sistemático que ocorre em detrimento do mapeamento do encontro e que vai trazer à tona um conjunto de imagens internas que dizem muito sobre o passado do corpo participante do processo, ao passo que o reinventa com as imagens do presente.

Para mim, a este ponto é muito importante estabelecer essa reverberação entre percepção e sentimento, porque é de fato este o ponto que acredito ser fundamental para o processamento da identidade de cada indivíduo

assim como a forma como cada um também se coloca no mundo.

Quando enfatizo a disciplina do espaço, estou tentando entender as relações estreitas entre os espaços que vivenciamos no passado e que vão influenciar no jeito que interagimos com o espaço em tempo real, e acima disso como essa confluência de tempos irá culminar numa transformação dos nossos mapas e consequentemente na nossa identidade. Sobre isso Bachelard em seu livro *A poética do espaço* (2008) irá dizer que “Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas.” (BACHELARD, 2008, p. 355)

Ao dizer isso, Bachelard não só compara nossa mente a uma morada, mas também dá o nome de toponálise à tentativa das disciplinas filosóficas e cognitivas de situar as localidades dos espaços que ajudam a compor o nosso ser. Estabelecendo assim uma relação intrínseca entre a forma do nosso ser com os espaços que

habitamos. Isto é afirmado quando ele discorre dizendo que a “psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de *topoanálise* [grifo nosso]. Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo.” (BACHELARD, 2008, p. 354)

Apesar de Bachelard se restringir a falar do espaço da casa como abrigo, por meio de suas proposições, podemos estabelecer uma estreita conexão com o espaço em detrimento da forma como somos moldados por ele e como nós também o moldamos. Seria como dizer que estamos se escrevendo mutuamente. E aqui eu não me restringiria apenas à casa-lar, mas também aos diversos espaços que vivenciamos e que também propiciaram ao mesmo tempo formas curiosas de liberdade para nossos devaneios e sensação de proteção para nosso corpo.

Mas então como os espaços acabavam por ditar certa parte das minhas experiências?



Parque das Nações - Lisboa
interações com espaços que nos moldam.
[foto do autor]

Quais eram os principais aspectos e fatores intrínsecos ao espaço que falavam diretamente comigo e foram moldando minha identidade?

Pensar nos meus pés na água enquanto eu navegava em pensamentos da vida. Ou naquelas janelas de madeira que eu me pendurava a espera de uma visita quando criança. Ou até mesmo na pouca luz de um ambiente quando meus olhos recebiam uma facada no coração. Todas essas relações de toque, escala, visibilidade, etc., vão agir diretamente na apreensão e vivência do espaço, criando não só momentos, mas padrões que irão reverberar num futuro relações com outros padrões a fim de novas composições de mapas advindos de novos encontros com o mundo.

Mas ainda assim, eu seria capaz - talvez - de discutir tais elementos e tentar esboçar uma série de fatores e aspectos que fomentassem nossa relação com o espaço e os processos cognitivos. Mais do que saber que somos refeitos a partir das interações com ele, eu queria conseguir afinar e entender quais aspectos nos tocavam e talvez até achar meios que possibilitassem uma investigação sobre

quais aspectos do espaço moldavam mais nossos mapas e desenhavam mais a nossa identidade.

Foi durante o intercâmbio que comecei a ter um contato muito maior com o que eles chamavam de “criação de atmosferas”, e como era possível criar espaços com certas atmosferas que nos falassem mais em certo sentido quando dentro do projeto houvesse um alinhamento da forma, materialidade, escala, etc. Contudo, antes de procurar estabelecer esses aspectos com o intuito projetual, eu buscava entender quais eram esses aspectos qualitativos que podem impactar o processo do encontro com o mundo. Foi no livro *Atmospheres* (2006) do arquiteto suíço Peter Zumthor que comecei a desenhar uma resposta mais agradável às minhas indagações. O uso da palavra atmosfera surgiu quando o arquiteto começou a se perguntar sobre o que para ele representava uma arquitetura de qualidade, como ele julgava subjetivamente e objetivamente uma arquitetura como boa. Depois de refletir sobre isso, estabeleceu que quando a experiência com o espaço criado o tocasse, ele seria capaz de qualificar como

um bom espaço. Foi então que ele recorreu ao termo atmosfera como aquela primeira emoção que se tem quando entra em algum lugar. (pp. 10-12)

Portanto, todo seu livro, que surgiu de uma palestra, vai narrar os fatores e elementos que podem constituir diferentes e inúmeros tipos de atmosferas que influirão no encontro com o espaço. De forma bem observadora e precisa, Zumthor cita 9 fatores e elementos que contribuem para a experiência do espaço e até mesmo os coloca como pontos que podem ser usados estrategicamente no processo projetual, que são, resumidamente:

[1] O corpo da arquitetura a qual defende ser a presença da arquitetura como algo material que tem forma e ocupa um espaço delimitando e criando sutilezas assim como nosso corpo físico;

[2] a compatibilidade entre os materiais, pois ele assume que os materiais reagem não só estruturalmente e quimicamente, mas também esteticamente quando colocados juntos;

De Pier – Den Haag
a presença da arquitetura no espaço.
[foto do autor]

[3] o som do espaço que muitas vezes é esquecido. Além de os espaços terem sons, o autor do livro diz que eles podem ser manipulados por meio da materialidade também;

[4] a temperatura do espaço que do mesmo modo que o som é capaz de ser manipulada por meio dos materiais utilizados fisicamente como também pode ser apreendida sinesteticamente e psicologicamente. Por exemplo, sentimos um espaço mais quente ou acolhedores com uso de materiais como madeira, ou o oposto com o uso de ferro.

[5] os objetos do entorno que tornam o espaço mais vivo, como se estivesse em uso, objetos que dão uma cara e identidade ao lugar;

[6] o entre a compostura e sedução que tem a ver com o jeito que a arquitetura envolve movimento. O jeito como as pessoas se movimentam pelo espaço pode ser controlado por um meio termo entre a dirigir as pessoas no espaço e seduzi-las a seguirem por ele, insinuando um senso de liberdade quase



Capela de Campo Bruder Klaus – Mechernich
objetos que criam significados no espaço.
[foto do autor]

controlado;

[7] a tensão entre o interior e o exterior que evidencia a capacidade de a arquitetura criar um dentro e fora no espaço, segundo ele, um castelo que possui fachadas que dizem: “eu sou, eu posso, eu quero”, mas sem claro mostrar todas as suas nuances, como se o dentro guardasse um segredo para o que está fora;

[8] os níveis de intimidade que tem a ver com proximidade e distância, em outras palavras, ele diz que os arquitetos chamariam isso de escala, pois tem a ver com o tamanho, dimensão e escala, mas mais em relação ao contraste entre a massa do espaço construído em contraste com o meu corpo;

[9] a luz sobre os objetos. “Onde e como a luz cai. Onde estão as sombras. E o jeito que as superfícies perdem o ânimo ou ganham vida ou suas próprias profundidades.” (ZUMTHOR, 2006, p.57)

Após discorrer sobre esses 9 pontos, Zumthor ainda não se diz satisfeito pois acha que faltam certas amarras a estes elementos


Panteão Nacional - Lisboa
a escala entre corpo e arquitetura.
[foto do autor]



para a consolidação de um encontro mais robusto. Na finalização do livro, o autor prossegue com “três apêndices” que vão, de certa forma, mostrar questões projetuais que norteiam o desenho e redesenho de seus espaços durante o seu processo criativo a fim de criar níveis de transcendência da arquitetura. Os quais são:

[a] A arquitetura como entorno na qual acredita que o espaço criado, seja apenas uma construção, ou um complexo, ou até mesmo um pequeno espaço, seja qual for, ela se torna parte do entorno. Neste sentido, mais do que um entorno físico onde a construção se torna parte da paisagem, o autor busca em seus projetos criar uma arquitetura que se mescle e se transforme em um ambiente-habitat humano. Dessa forma, vemos que os espaços criados acabam compondo uma rede que se relaciona entre si e como corpos atuam ativamente na criação dos mapas;

[b] a coerência, que acredita ser importante para o resultado do seu trabalho. Por coerência o autor defende o fato de as coisas acabarem no que elas mesmas são,



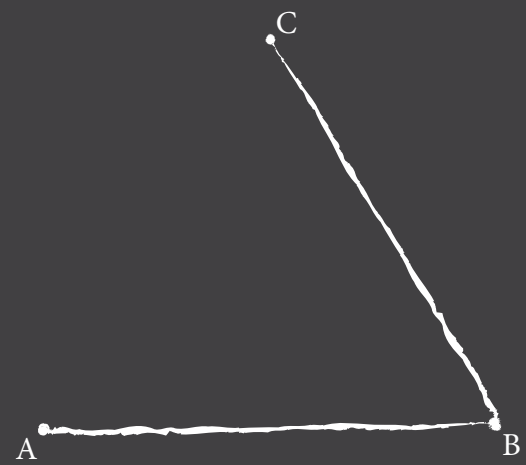
Metropol Parasol – Sevilha
arquitetura como entorno.
[foto do autor]

encontrando a si mesmas, porque elas se tornaram o que foram configuradas para ser. Referindo-se a capacidade de a arquitetura ser de alta qualidade quando assume seu real uso, afinal, o autor defende que a arquitetura atinge sua maior qualidade como arte aplicada e esta é a maior beleza: quando ela se torna o que foi projetada para ser, ela é coerente. Aí é quando tudo refere-se a tudo e se torna impossível remover uma parte sem o todo ser destruído e se tornar outra coisa. O lugar, o uso e a forma estão intrinsecamente ligados e coesos. Este ponto vai de encontro ao conceito de *affordance* já apresentando e mesmo que não sejamos capazes de pré-dizer as apropriações do espaço ainda assim o arquiteto ou designer podem estabelecer coerências de apropriações sem que isso fira a emergência e indeterminismo dos mapas;

[c] por último, ele defende a beleza da forma como o aspecto final e principal de seu trabalho, pois para ele, não adianta nada ter se levado em consideração todos estes elementos, aspectos e processos projetuais se a forma final não move o designer. Apesar de ser intuitivo e muitas vezes cheio de influência do criador,

o autor defende que cada objeto-espaço-arquitetura encontra sua forma que, contendo todo esses elementos e aspectos, é capaz de mexer com aqueles que interagem com ele.

Mesmo ainda não possuindo toda a bagagem que eu apresentei até agora, estes pontos e apêndices culminaram em um primeiro experimento durante meu intercâmbio no qual eu busquei trabalhar com a criação de um espaço de introspecção.



.primeira experiência

Além da FAUUSP que me deu oportunidades para consolidar bases teóricas fundamentais para minha formação enquanto arquiteto e urbanista e como pessoa, o intercâmbio na Royal Academy of Art, The Hague (KABK) foi um grande diferencial para todo meu processo criativo e edição do meu conhecimento.

Certas experiências que foram decisivas para minha formação estiveram bem atreladas com muitas das experiências que tive por lá. Entre elas, as que mais se destacaram foram os trabalhos que desenvolvi nas disciplinas de Morphology e IST (Individual Study Track) sob a orientação da Profa. Ellen Voos. Assim como também tive boas reflexões com os trabalhos de Private Interior, Public Interior e Urban Interior. E por último na disciplina de Object 3d desenvolvi e apliquei de forma prática um sistema construtivo que se adequou muito a proposta e também me deu margens para experiências futuras que reverberaram neste TFG.

.Morphology e IST

Lá na KABK, os semestres são separados em 2 blocos. Durante o primeiro bloco do primeiro semestre, orientados pela professora desenvolvemos no IST uma procura pessoal pela nossa identidade como spatial designersⁱ.

Então elaboramos duas matrizes 3 x 4 correspondentes, uma imagética e outra textural, que expressassem fortemente os aspectos e reflexões que definiam nossa identidade. A primeira coluna correspondia aos projetos que já realizamos; a segunda, a arte e design; a terceira a natureza e ciência; e a quarta a nossa escolha. No meu caso, escolhi falar sobre construções conhecidas e experiências vividas.

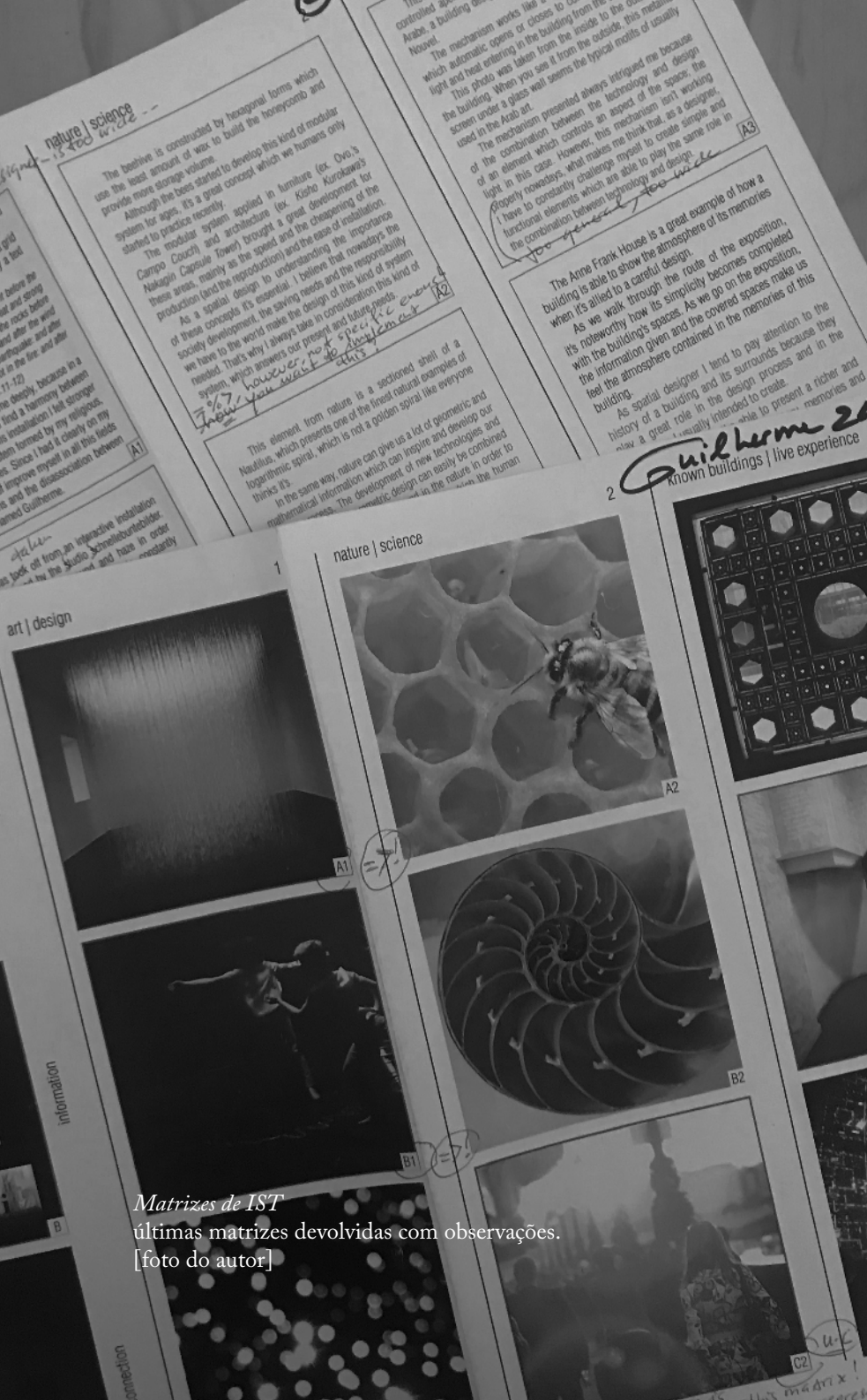
Basicamente tínhamos que completar as matrizes até o final de cada bloco, então a

ⁱ um conceito usado por eles para designar o profissional que atua de forma direta no espaço pensando antes de tudo na forma, materialidade e funcionalidade do espaço, de fato, é bem próximo do que entendemos aqui pelo profissional de arquitetura, mas spatial designer seria um profissional que atuaria entre o designer de interiores e o arquiteto.

Matrizes de IST

últimas matrizes devolvidas com observações.

[foto do autor]



cada duas semanas entregávamos as matrizes mais completas e revisadas, porque após uma semana que elas eram entregues, a professora as devolvia com anotações para refazermos e acrescentarmos novas informações em busca de delinear nossa identidade.

Atrelado a isto comecei a indagar mais ainda sobre minha identidade como indivíduo também. E uma confluência de fatores pessoais como término de namoro e morar sozinho foram determinantes para reavaliar a importância da palavra identidade em si. Existem muitas nuances na composição de cada indivíduo e que muita vezes são deixadas de lado. De fato, foi um ótimo exercício de reflexão que abriu caminho para o autoconhecimento. Ao mesmo tempo, me levou a pensar sobre como o espaço é capaz de dizer sobre nós mesmos, e nos incentivar a navegar através de nossas nuances.

Depois desse exercício, no segundo semestre tivemos que desenvolver 5 modelos que contivessem os aspectos da nossa identidade anteriormente trabalhada por meio das matrizes. O mais interessante foi que

precisávamos elaborar os modelos em escala pequena (podendo ter no máximo 15x15cm), o que possibilitava um maior controle sobre a composição, pois também deveríamos trabalhar na forma e na materialidade a fim de sermos capazes de não só formar uma família de modelos, mas expressar os aspectos que tínhamos descrito na etapa anterior das matrizes. Foi desse exercício que elaborei a Série Identidade composta pelos modelos nomeados como: Colaboração, Equilíbrio, Vácuo, Memória e Conhecimento.

.Private Interior, Public Interior e Urban Interior

Foi principalmente através dessas disciplinas que eu fui introduzido ao conceito de atmosferas. Além disso, o mais interessante era como éramos desafiados e conduzidos a elaborar uma metodologia para nossos projetos procurando consolidar bem o conceito, fazendo com que todo o projeto, por meio de sua forma, materialidade e relação com o ambiente e

usuário, fosse uma narrativa condizente com o todo. Logo, todo o ambiente projetado por nós deveria trazer uma atmosfera que reforçasse o conceito que tínhamos elaborado.

.Object 3D


A tarefa dessa disciplina era construir abrigos com materiais reutilizados em escala 1:1 a fim de formarmos uma vila de abrigos no pátio da faculdade. Para tanto, devíamos ter em mente a metodologia do processo criativo, criando um espaço que também tivesse um conceito forte e que fosse condizente com a vila que estava sendo criada. Eu e minha parceira começamos a desenvolver um projeto que focasse na rápida produção e montagem e desmontagem, pois a proposta deste abrigo foi baseada na subversão da definição de abrigo (“uma construção que sirva de abrigo ou residência temporária para algo ou alguma coisa”), portanto, este abrigo teria como objetivo causar danos a privacidade das pessoas. O cavalo de tróia entrou como um elemento

Student Huis
maquete do projeto de Urban Interior.
[foto do autor]

chave neste conceito, visto que ele destruiu uma cidade de dentro para fora. Portanto, o design do abrigo, que surgiu inspirado em celeiros norte-americanos, seria capaz de sediar cavalos de tróia que seriam distribuídos para os outros abrigos da vila em construção.

Por conta dos materiais com os quais o abrigo foi construído, ele facilmente era caracterizado como uma base de espionagem que pode ser construída e desconstruída em poucas horas e que ainda funcionava como um tela de exposição do que capturado dos outros abrigos durante o dia.

Esta experiência proporcionou o desenvolvimento de um método construtivo que se adequou facilmente a proposta e ao tempo de montagem que acabamos por ter. Basicamente a montagem se deu pelo uso de sarrafos descartados e componentes metálicos para ligação deles. Uma das maiores observações ao final da apresentação foi que os professores maravilhados com a proposta e tempo de montagem se indagavam dos tipos de estruturas e espaços que poderiam sair desse sistema de construção caso tivéssemos



Spybarn
projeto realizado em 3D Object.
[foto do autor]

mais tempo. Inspirado por esse comentário e até mesmo buscando a manutenção de uma linguagem e identidade profissional, busquei aplicá-la ao projeto e composição das instalações do meu TFG.

*ALEPH (Autonomous Laboratory for the Exploration of Progressive Heuristicsⁱⁱ)
primeiro experimento*

Por fim e o mais importante, pois a pesquisa e trabalho realizado durante este laboratório deu início às minhas indagações e explorações a respeito do espaço como meio de introspecção e navegação pelos mapas mentais.

Como este laboratório de pesquisa era focado no processo criativo, iniciamos o semestre fazendo uma leitura e discussão dos capítulos “O que é conceito?” e “Conclusão - Do Caos ao Cérebro” do livro *O que é filosofia?* (1991) de Gilles Deleuze. Com esta leitura eu pude fazer um resgate do que eu havia

ii Laboratório Autônomo para A Exploração de Heurísticas Progressivas.

estudado com a Profa. Dra. Clíce Mazzilli durante meus primeiros anos de graduação e então fui capaz de retomar e começar a adensar as questões que eu havia deixado em segundo plano.

Para tanto, fiz uma releitura da bibliografia que até então eu havia acumulado acerca do assunto e comecei, a luz dessas novas reflexões e processo criativo, a tentar espacializar os processos cognitivos envolvidos na percepção do espaço.

Minhas principais questões giravam em torno de como eu poderia potencializar a formação de mapas do encontro pensando na interação entre o corpo e espaço projetado, assim como sua conexão com a cidade a fim de possibilitar um engajamento dentro do espaço urbano. A grande questão que eu enfrentava era que o mapeamento externo não era possível, pois as pessoas apenas externalizam suas emoções e o processo mais íntimo é reservado ao corpo que passa pela experiência. Pensei em vários tipos de abordagens que poderiam criar espaços móveis permitindo receber diversas configurações que atendessem



Espaço de introspecção.
projeto realizado em ALEPH.
[foto do autor]

à percepção das pessoas no momento da experiência, de forma a abrir um diálogo e dinâmica entre o corpo que experimenta o espaço e fisicamente o muda, e o espaço que muda de acordo com o corpo que age sobre ele. Em outras palavras, poderia se dizer que o espaço criado se assemelharia a uma ferramenta de criação em tempo real. Contudo, eu não acreditava que havia chegado ao âmago do conceito e que o pavilhão que eu estava projetando fosse uma narrativa e resposta às minhas reflexões e indagações.

Passando por uma revisão crítica do que até então eu projetava por meio de modelos físicos e desenhos, eu fui capaz de filtrar e analisar o que eu buscava propor. Comecei por decidir que a experiência deveria ser feita de forma muito mais individual e íntima, e não coletiva, proporcionando um encontro entre o corpo e o espaço que favorecesse a consciência da individualidade. Pois, a partir das leituras, pude inferir que o fenômeno do mapa do encontro possibilita que encontremos a nós mesmos como indivíduos com uma identidade que age e se transforma à medida que interage com o mundo que também se transforma,

visto que nós criamos mapas à medida que nos adaptamos, conformamos e entendemos o que nos cerca e acontece a nós, ou seja, a criação de mapas como uma instância afirmativa da nossa consciência no mundo. Em analogia, eu poderia dizer que eu crio, logo existo.

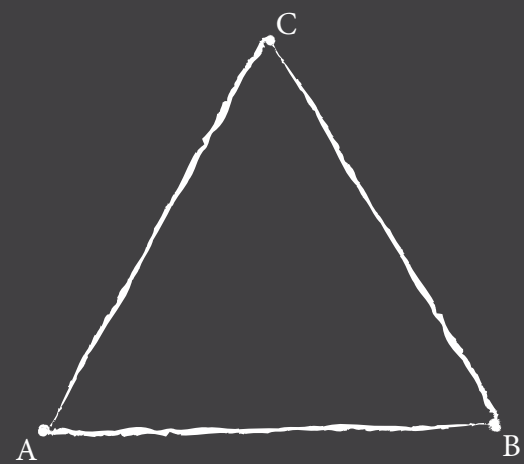
Logo, mais do que um espaço onde as pessoas pudessem criar configurações aleatórias que não tivessem a profundidade desses pensamentos, ou até mesmo que não discorressem profundamente sobre os próprios indivíduos que interagissem com ele, eu comecei a pensar na criação de espaços de introspecção que fossem voltados para os usuários adentrarem em si mesmos e navegarem por todo o universo criado em seus íntimos.

Uma releitura da obra de Lygia Clark me possibilitou alguns insights que me ajudaram principalmente na questão da forma do lugar. Dentre suas obras, a que mais me chamou atenção foi a *Túnel* (1973), a qual é composta por um tubo estreito de tecido onde as pessoas são convidadas a passar de um lado a outro se esgueirando envoltos pelo tecido. Remetendo,

assim, ao nascimento de um bebê, associando o corpo como o lugar das primeiras experiências, memórias e reconexão com o mundo. Ou seja, o corpo como receptáculo para receber todas as possibilidades do ser e estar no mundo.

Ao final então fui capaz de elaborar uma pequena e singela instalação individual que proporcionasse um espaço de introspecção aos usuários. A forma, a materialidade e elementos da composição buscam estabelecer uma atmosfera onde o usuários se sintam acolhidos e desinibidos a entrarem em uma reflexão onde são capazes de navegarem pelos seus próprios mapas mentais revivendo e repensando todas as suas conexões consigo mesmos e com o mundo. Envolvidos pelo espaço, os indivíduos são convidados a terem uma experiência profunda em que se doam como sacrifício em ordem de transcenderem para um profundo autoconhecimento.

Este trabalho, principalmente, deu brecha para o início das minhas reflexões e indagações acerca das possibilidades de materialização de espaços que dizem respeito a nós mesmos.



.tfg: reflexões e propostas iniciais

Identidade.

O que me define? Como eu me situo? Como é meu universo? Quais são todos os elementos que o compõem? Como ele ainda se liga à outros? Como que se dá sua complexidade? Como estou ligado não só aos outros, mas a mim mesmo? Como me liga ao mundo? Qual experiência intrínseca que me define? Só eu vejo o mundo assim. Só ele vê o mundo assim. Ninguém é igual e, no âmagô, a relatividade permanece intacta sem defeitos: nosso universo é composto de diversos relativos que se combinam, se destroem, se constroem.

Como partilhar meu mundo, que é tão meu por conta da minha percepção?

Nossa construção é tão infundável. Nós somos seres tão complexos e infinitos. Navegar nesse grande emaranhado de ligações do nosso sistema nervoso é tão difícil quanto penoso. Como traduzir cada ligação, cada elemento? Apenas a vivência é capaz de traduzir, mas ao passo que vivemos, essa rede se transforma, se reconecta, vira sutilmente

algo que eu não sou mais e que passei a ser. Será errado então afirmar que a condição da identidade do homem é sempre fruto do que éramos e o que seremos? Somos um processo no meio do caminho. Uma experiência ambulante, ou melhor, somos experiências que se desencadeiam constantemente.

...

Uma vez me disseram que nascemos sozinhos e também morremos sozinhos. A solidão acaba sendo uma condição existencial do homem (claro que não no sentido de ser só que habita o mundo sem estabelecer conexões interpessoais). Solidão fundamentada na forma única e singular de como vivenciamos o mundo.

Quando partilhamos nossa percepção? Podemos, de fato, compartilhar o que sentimos ou até mesmo nos compadecer do sentimento alheio, contudo, quando será que o coração alheio vai ser capaz de decifrar o que meu coração sente? O que é isso? O fato do viver ser intrínseco.

Mas será mesmo que nunca saberemos o que é de fato estar no lugar do outro? Como imergir no oceano alheio? Como materializar tal

singularidade? Como podermos ser capazes de entender o universo do outro da forma mais fiel possível? Como tornar os dados científicos em experiências palpáveis? Como materializar o cérebro alheio a fim de navegar em suas infinitas ligações, a fim de ver o mundo pelos olhos de outrem?

...

Durante minha adolescência e principalmente devido às minhas questões sobre minha sexualidade, comecei a frequentar terapias para entender o que estava acontecendo com meu corpo e minha mente. Foi uma longa e conturbada jornada agravada principalmente por fatores externos como família, questões religiosas, preconceito, era um dos mais latentes, mas, acima de tudo, todos estes pontos começaram a levantar questionamentos que transcenderam não só minha sexualidade, mas também todos os problemas pontuais aos quais estas pressões externas teimavam em me reduzir. Assim me ajudaram a compreender que o meu universo interior possuía territorialidades muitos mais vastas, as quais eu poderia explorar, e

uma redução da minha pessoa ao fato de ser gay não fazia jus a tudo que eu poderia me tornar. Conhecer-se em todas suas sutilezas e entender o que eu era e o que eu poderia vir a ser, abriram caminhos muito menos opressores em direção à leveza e liberdade. Apesar da escrita se reduzir a um parágrafo foram anos de alegrias, choros e superação. De fato, ainda hoje enfrento pressões externas, mas a vivência me deu energia e rigidez para me manter firme às minhas descobertas e convicções. De fato, a vida agora parece cada vez mais colorida e significativa quando não se tem amarras.

Para mim, apesar de sofrido, este processo foi grandemente estruturador e de certa forma me fascinou enquanto ser que percebia em si as mudanças no cognitivo e no pensamento. As disciplinas psíquicas sempre me intrigaram e me maravilharam, mas ainda assim eu me via percebendo o mundo e querendo atuar sobre ele. O que me fez escolher a graduação que hoje fecho com muito orgulho e paixão, principalmente porque vejo que estou seguindo o caminho que sonhei em trilhar.

Todo esse processo pelo qual segui dos 15 aos 18 anos reverbera na forma como encaro a vida e até mesmo como absorvo conhecimento não só para a aplicação prática profissional, mas prática da vivência. Logo quando entrei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, recebi a oportunidade de me aplicar para a tutoria Acadêmico-Científica com a Professora Doutora Clíce Mazzilli, o que definiu grande parte do meu processo de formação como profissional atuante no espaço. Alguns dos textos que a professora forneceu para leitura, foram elaborado pela Heloísa Neves e davam uma breve introdução à sua pesquisa. Curioso, eu fui buscar mais informações e então comecei a traçar meu caminho unindo as ciências cognitivas a matéria do espaço, durante minha tutoria de um ano. Ao final dela, deveria ser entregue uma proposta de pesquisa para seguirmos os estudos com um projeto de Iniciação Científica.

Apesar de não seguir estritamente o caminho que relacionava o espaço com os processos cognitivos, fiz na verdade um estudo sobre a produção do mobiliário moderno,

a formação dos mapas estava em segundo plano ao estudar todos os movimentos que se formavam e estilos particulares em alguns lugares. Baseando-me principalmente numa leitura teórica do livro *Os Pioneiros Do Desenho Moderno*: de William Morris a Walter Gropius (2002) em Nikolaus Pevsner, ao passo que eu elaborava um levantamento dos mobiliários, ia traçando as linhas dos mobiliários não só como fruto estético, mas também como uma confluência dos movimentos artísticos, culturais, sociais, políticos e econômicos da época tratada.

De fato, toda a questão de apropriação do espaço e das coisas que o compõem foram questões que eu sempre consciente ou inconscientemente me confrontava com o conceito de mapas descritos nos três primeiros capítulos.

Conforme já narrei, a experiência que vivi durante intercâmbio proporcionou que eu retomasse com maior força e novas indagações nossa relação com o espaço. Depois de toda a experiência que obtive durante o intercâmbio e também tendo maior clareza a respeito da

minha identidade como profissional, busquei traçar uma rota para o campo de atuação que mais se aproximava dos meus interesses. Foi com a ajuda e sugestão da Profa. Dra. Daniela Kutschat Hanns que encontrei um caminho que pudesse trilhar profissionalmente. Depois de passar por uma experiência profissional de UX Design onde comecei a ter um olhar muito interessante sobre a experiência do usuário com interfaces, comecei a desfrutar diretamente da área e campo que eu gostaria de trabalhar no escritório D3. Os conhecimentos adquiridos refletiram durante o processo de TFG, principalmente por dialogar muito com o processo criativo e processo de montagem visto que ambos partilham as problemáticas de concepção, desenho e montagem de instalações interativas. A experiência profissional reverberou principalmente na destreza e habilidade em busca de materiais e prototipagem.

Além disso, a volta para o Brasil e a bagagem que eu trouxe comigo foram de grande valia para uma reanálise de toda minha vivência na cidade de São Paulo como usuário e habitante de uma cidade global. As

diferenças entre a rotina em Den Haag e em São Paulo trouxeram diversas reflexões sobre o modo como a cidade enquanto espaço é capaz de nos transformar e moldar nossa maneira de nos colocar no mundo.

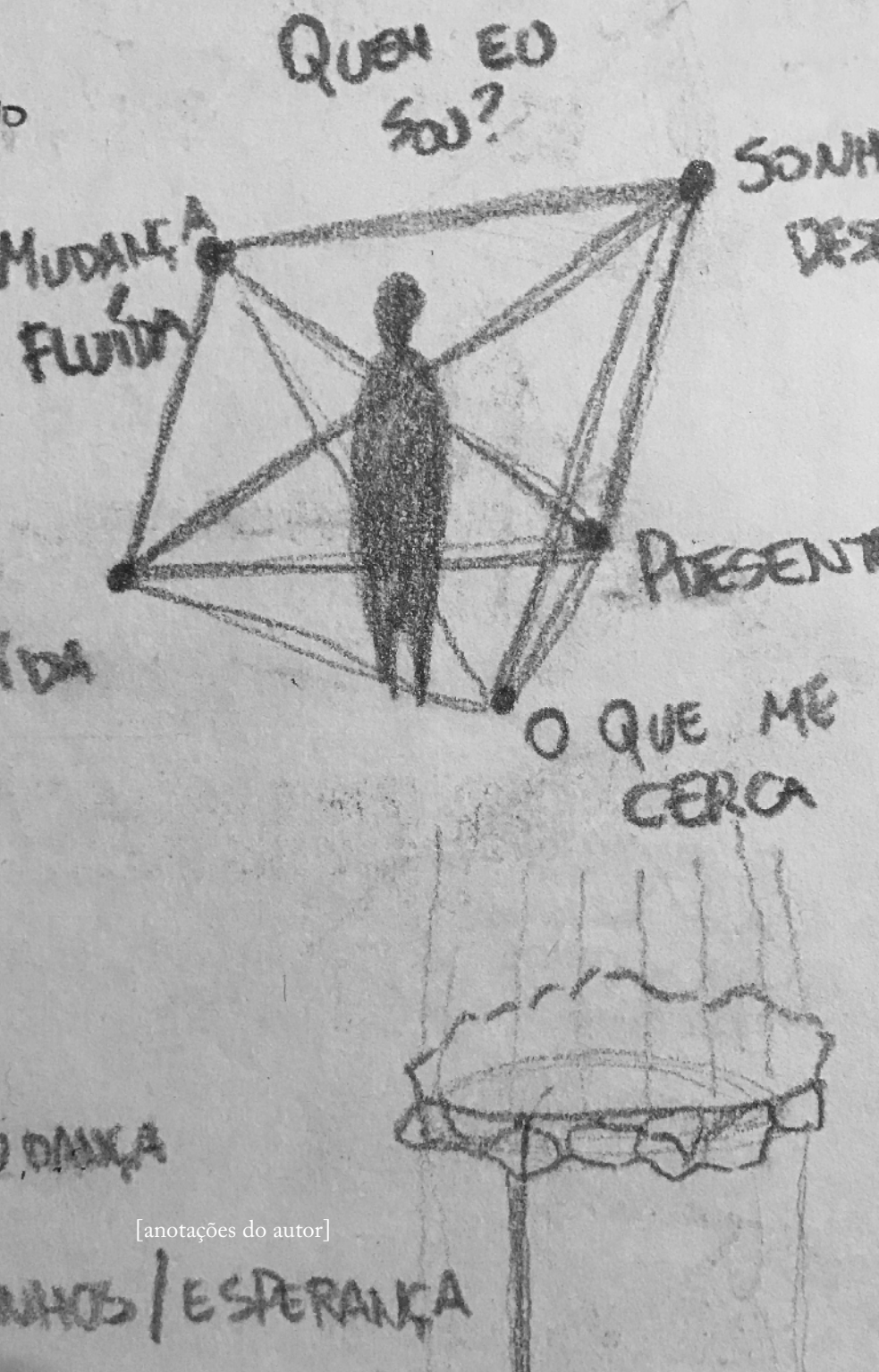
Em suma, dei meus primeiros passos no TFG pensando sobre a adaptação que o cérebro humano faz em vias de compreender as experiências que o homem contemporâneo está exposto. Tentando entender como esses espaços que habitamos, convivemos, usamos, etc. eram importantes formadores de conteúdo para memória e que, conseqüentemente, possuíam aspectos materiais e imateriais que modelavam e remodelavam nossa identidade. Afinal, somos seres que vivem por meio do espaço, nele nos localizamos e percebemos o mundo, assim como tiramos prova de nossa existência.

Contudo, mesmo com a construção dessa bagagem teórica eu sentia não estar chegando a um ponto efetivo para a concepção da minha instalação interativa, uma fundamentação que trouxesse elementos para a sua elaboração apesar de acreditar que tais conhecimentos poderiam agregar à pesquisa. Foi então que

resolvi parar e refletir sobre o meu projeto final e traçar um caminho que, apesar de suas possíveis ramificações, sempre tivesse em mente o produto final, tendo em vista que todos os ramos a serem trilhados poderiam acrescentar algo ao projeto, mas sem nunca me afastar do eixo principal.

Neste momento de reflexão procurei estabelecer quais seriam as palavras-chave para minha pesquisa. Adentrei então no âmago dela e procurei estabelecer qual era meu foco. Por meio de uma divagação sobre “identidade” e retomando alguns aspectos por meio de questionamentos, pude deixar mais claro que o que de fato eu estava buscando era o processo da formação da identidade por meio dos processos perceptivos, visto que eles se desencadeiam através da experiência e de resgates de memórias. Diversos foram os questionamentos levantados, e eles residiam basicamente no processo de se autoconhecer e se estabelecer com uma visão única de mundo.

Tais pensamentos vinham da bagagem teórica que eu havia construído baseada nas leituras e releituras da tese de Heloísa Neves,



[anotações do autor]

Mapas do encontro: estudos da percepção (2010), onde cheguei a uma conclusão sobre o que são mapas do encontro e como eles formam nossa visão de mundo, visto que mapear cognitivamente corresponde a construir representações transitórias e emergentes da relação existente entre o dentro e fora do próprio corpo a partir dos parâmetros e padrões neurais e da própria estrutura interna de cada cérebro. De fato, como já expus, tais representações tentam expressar com algum grau de fidelidade o que nos cerca. Contudo, quando olhamos para um objeto exterior a nós, cada um conforma imagens comparáveis ao seu cérebro. Pois cada corpo representa o mundo através de mapeamentos diferenciados de acordo com sua estrutura diferenciada. É isso que torna nossa maneira de ver o mundo tão única e pessoal. Apesar de termos tantas visões similares, nossas nuances nos tornam diferentes uns dos outros.

Em outras palavras, mapear cognitivamente é assumir que estamos em um constante estado de mudança que tem sua ignição a partir da nossa experiência com o mundo. Digo que somos como uma crisálida

ambulante cujo único fim é a transcendência da matéria. O bater das asas para a eternidade.

Entretanto, ainda assim algo me incomodava, pois havia uma frustração muito grande com o fato de os mapas mentais intrínsecos a cada indivíduo só poderem ser desbravados pelo próprio indivíduo. Infelizmente, isso faz com que não consigamos entender de fato o que é estar no lugar do outro, resignando-nos apenas a termos empatia um pelo outro, a nos conectarmos indiretamente com a dor ou prazer do próximo.

Mas antes de eu seguir para esse caminho, eu tive que dar uns passos para trás e me conformar com a realidade de que como as pessoas iriam se conectar com a experiência e vivência alheia se muitas pessoas se esquecem, em meio a conturbada rotina urbana, de se conectarem com elas mesmas.

Aqui então o projeto que eu estava propondo começava a ter um sentido mais funcional. Algo que eu desejava desde o início, pois ao pensar na instalação interativa,

eu imaginava uma experiência contínua ou intervalada que através do tempo pudesse trazer um benefício maior para o indivíduo que a vivenciasse.

A fim de dar início a insumos para a produção desse espaço, comecei a tentar entender como atingir o bem-estar mental, achando na meditação um caminho que pudesse ser percorrido. O que tornou difícil esta trilha é a pouca experiência na prática, contudo, foi possível desenhar conteúdos e qualidades de espaços que induzam o bem-estar por meio da experiência daqueles que já praticam, afinal, visto que este trabalho tem o interesse de se tornar participativo, a coleta de experiências de outros se torna muito importante para começar a dar passos em direção a um trabalho participativo. Apesar de não possuir toda a apuração de uma pesquisa com o público, aqui já há o intuito de um ensaio para futuras aproximações com usuários. Este background vem também da minha experiência no estágio, onde trabalhando com UX Design foi possível entender a importância da experiência e usabilidade de produtos, sejam eles bi ou tridimensionais. Para dar início

então, elaborei um questionário chamado Pausa no Google Forms com as seguintes perguntas:

- (1) Qual sua idade?
- (2) Há quanto tempo você medita?
- (3) Com que frequência você faz isso?
- (4) Quanto tempo você tira para meditar?
- (5) Onde você buscou informações para começar a praticar?
 - (a) Google
 - (b) Youtube
 - (c) Aplicativo
 - (d) Outro. (Registrar)
- (6) Onde você costuma meditar?
- (7) Como é sua experiência? Como você vivencia o momento? Tendo em vista que a meditação envolve não somente a mente, mas o corpo também. Como todo o seu organismo experiencia isso?
- (8) O que mudou desde que você começou a meditar? Como isso afetou seu bem estar?
- (9) Se você pudesse dizer em poucas

[sketches do autor]

palavras para outra pessoa como meditar alterou sua rotina, o que você diria?

(10) Você acredita que meditar possa influir na maneira como você vivencia a cidade? Se sim, como?

(11) O que você acharia de estar andando pela cidade e encontrar um lugar onde se sentisse confortável para entrar e meditar? Acha que impactaria sua vida? Como seria este lugar?

(12) Agora, se pudéssemos construir esse espaço, como ele seria? O que deveria ter nele e o que não deveria? Ao que ele deveria ser resistente se estivesse localizado na cidade para que lhe fornecesse o maior conforto e concentração que você necessita?

(13) E o que você acharia se sua experiência pudesse ser sentida e vivenciada pelos outros por meios que não invadissem sua privacidade, mas apenas a expremissem abstratamente?

(14) Você se importa em se identificar? Se não, qual seu nome?

Foi possível coletar experiências de 7 pessoas. A partir dessas respostas preliminares iniciei o traçado de um caminho em direção a um espaço que possuísse as qualidades

apontadas por pessoas que praticam a meditação. Os comentários coletados permitiram levar em consideração elementos a fim de criar uma atmosfera condizente com o intuito do espaço: levar as pessoas a se conectarem consigo mesmas.

Terminei meu TFG I abrindo precedentes para atuar em centros comerciais da cidade trazendo uma instalação que possibilitasse às pessoas, em meio ao caos do trabalho e da vida urbana, possuírem um tempo para se conectarem consigo mesmas e serem mais aptas a estabelecerem melhores relações sociais. Principalmente pelo fato de ao se conectarem consigo mesmas e reconhecerem seu universo, seria mais capazes de reconhecer o universo alheio com todas suas diferenças e questões particulares. Montando assim um fluxo de harmonia baseado na empatia, respeito e tolerância pelo próximo.

A partir do TFG II procurei meios de tornar a experiência de descompressão mais efetiva, já logo no começo repensando e delimitando um novo lugar: espaços públicos em bairro da periferia. Dentro da experiência

faria uma narrativa com muito mais sentido aos espaços de descompressão que estivessem no trajeto entre a residência e o trabalho do cidadão urbano. O que deu margem para fazer uma outra pesquisa no Google Forms, que com 99 respostas foi possível gerar grandes *inputs* para o trabalho. Sendo o maior deles a percepção de que a maioria das pessoas pedia por espaços para descanso de qualidade.

Isto por fim, me fez refletir sobre todo meu trajeto até aquele momento, visto que a pesquisa estava começando a se direcionar para um lado em que além de eu não ter domínio, seria necessário revisar toda a base bibliográfica, a fim de levar a pesquisa a um novo rumo, apesar do tempo escasso.

Da mesma forma eu estava percebendo que o resultado o qual eu tinha chegado não era tão satisfatório e pouco cultivava de poesia e complementos a experiência que eu gostaria de fornecer. Talvez estivesse tentando atribuir uma funcionalidade demasiado grande a um espaço que não deveria ser tão funcional, pois ele não diz respeito a praticidade e objetividade, pelo contrário, ele

é sobre abertura do espaço para os devaneios e demanda trilhar por caminhos complexos, que muitas vezes uma instalação em um espaço público não contempla.

O ponto decisivo veio da reflexão dessa segunda pesquisa realizada no Google Forms, o que fez o TFG tomar um rumo muito mais parecido com o inicial, contudo muito melhor desenhado, partindo de toda a bibliografia e processo da primeira parte do TFG e o conhecimento e experiência profissional e pessoal que obtive especialmente na graduação como material sensível para elaboração da instalação interativa.

Vale ressaltar que neste ponto me deparei e aprofundi em uma designer chamada Ilse Crawford e seu processo, trabalho e sensibilidade com materialidade tiveram bastante influência nesse momento. Principalmente, o que mais me atraiu de seu método foi o projeto pautado na mudança do indivíduo, do momento que entra na instalação, ao momento que sai da mesma. Em seu livro *Sensual home: liberate your senses and change your life* (2005), ela discorre não somente das



com cidade global
rotina corrida

Em qual momento damos
tempo a nós mesmos?

Como arrumamos tempo e
espaço para navegar por nós
mesmos, já que estamos
navegando por tantos es-
paços que dizem tanto
respeito a outras coisas
e não a nós mesmos?

[anotações do autor]

qualidades e estratégias projetuais que tornam o ambiente mais agradável ao corpo e mente, mas também defende a necessidade de espaços de pausa para o corpo e mente.

“Nossas casas são o ponto de parada em um mundo agitado. Tenha pelo menos um espaço para que você pense como uma câmara de descompressão, um lugar para meditação. Planeje ele de forma determinada para que todos os elementos componham um refúgio do stress da vida diária. Pinte ele com cores planas, calmas e neutras. Elimine o stress virtual e o ilumine com cuidado. Encha de cheiros calmantes e coisas gostosas para tocar.” (CRAWFORD, 2005, p. 38, tradução nossa)

Como, então, arrumamos tempo e espaço para navegar por nós mesmos já que estamos navegando por tantos espaços que dizem respeito a outras coisas diversas?

Reavaliei portanto a direção em que estava caminho e voltei para onde ela fazia sentido. Despi o projeto de qualquer obrigação com a funcionalidade e busquei

principalmente a composição de um tipo de espaço que possibilitasse que navegássemos em nós mesmo, ou melhor, propus espaços que para mim tinham composições e significados, possibilitando exprimir minhas próprias navegações. Espaços que diziam respeito a mim e a minha busca pelo autoconhecimento, e que de alguma maneira pudessem ser ressignificados por outras pessoas que os experienciam, levando-as possivelmente aos seus próprios devaneios interiores.

Mais do que seguir uma linearidade, o projeto surgiu em meio ao caos e foi tomando corpo por meio da identificação dos elementos que o tornavam complexo, se remontando durante todo o processo. Passos para trás, passos para frente, entre idas e vindas ele foi surgindo, se remoldurando e sendo repensado quando não parecia fazer mais sentido. Assumir que a decisão final surgiu da complexidade e buscou sistematicamente estabelecer guias para navegar por ela, é o que mais aproxima ela de todo seu âmago. Eu me mapeei e do meu caos nasceu uma poesia.



.micro-ecologias

Após avaliar diversas possibilidades, optei por me desprender de quaisquer amarras com a funcionalidade, me apropriando da poesia e da subjetividade. Através da re- interpretação de imagens provenientes da realidade - carregadas de significados pessoais e releituras - pude desenvolver um pedaço de meus mapas, trazendo-os ao plano material. Dada a abstração da mente, seria impossível uma re-transmissão fidedigna de sua complexidade. Sendo assim, a reinterpretação material do meu universo interior é livre de compromissos com uma verdade absoluta, permitindo a experimentação e o devaneio pessoais daqueles que o vivenciam.

Acredito que uma das maiores reflexões acerca das viagens que fiz durante o intercâmbio, e até mesmo lugares que visito esporadicamente, reside no fato de que cada espaço, a seu modo, é capaz de me levar a momentos de introspecção, resultando em novas percepções da realidade. Essas experiências culminaram na seguinte

conclusão: não há apenas um único e universal espaço para introspecção. Fui, assim, capaz de estabelecer um conceito que me guiaria até o fim do trabalho.

Portanto, partindo do entendimento de que não existe somente um espaço adequado para a introspecção, e sim a existência de diversos espaços que - através sua materialidade, elementos, forma e até interação - nos levam a navegar em nós mesmos, me proponho a criação do que intitulo “micro-ecologias”.

É aqui que novamente me encontro com a interdisciplinaridade, me apropriando de um termo da biologia (que se propõe o estudo das relações entre o meio ambiente e os seres vivos). Caso busquemos a origem da palavra, encontraremos do grego “oiko” que significa casa e “logos” estudo, reverberando até mesmo na teoria de Bachelard, que propõe a topoanálise como meio de se fazer uma leitura dos “espaços” internos de morada a partir das imagens que nos definem.

Analogamente, por meio de minhas

proposições, não estabeleço um fim ou uma conclusão, mas uma experimentação ao corpo, um estudo de suas interações com o espaço. Ao optar por chamar minhas instalações de micro-ecologias em vez de micro-ecossistemas, eu parto do princípio de que devemos considerá-las não apenas enquanto sistemas “ecológicos” organizados e formados por relações entre os elementos compositores do espaço e o corpo. Elas também se abrem a experimentações partindo de práticas empíricas e analíticas, buscando também o estudo do corpo-mente e entrando em contato com os diferentes ambientes que nos envolvem.

Me aproprio de uma ciência que busca a investigação de um sistema totalmente fechado e organizado, proveniente de relações entre ambiente e seus indivíduos, sendo passível a observações e constatações. Diferentemente da fonte a qual me referencio, nessa proposta nada se constata, somente se experimenta. Não havendo uma busca por conclusões e sim por construções infundáveis do encontro entre corpo e espaço.

Nessas micro-ecologias o conceito é se

apropriar da combinação de materiais, formas, e da posição do corpo no espaço, além de pequenas interações que nos levam a devaneios. Navegando então pelas minhas florestas, desertos, e cidades, entre outras abstrações, proponho, a partir de uma interpretação de ecossistemasⁱ, buscar o desenho dos espaços que dizem respeito ao meu mundo. De fato, as instalações produzidas acabam sendo apenas uma fração das infinitas possibilidades de configurações que eu poderia criar a fim de representar meus ecossistemas pessoais.

Ao propô-las eu convido os visitantes não somente a uma experiência com os meus mapas sensoriais, mas sim a uma releitura de composições que falem de mim e a mim. Permitindo, assim, que os espectadores tomem um papel mais ativo ao se colocarem no meu mundo externalizado, fazendo suas próprias interpretações dele e permitindo a si mesmos a

ⁱ vale o adendo de que não há erro dizer que as abstrações e primeiros traços saíram de inspirações naturais de sistemas ecológicos que representam tão bem a interação entre mundo e corpos, eles deram margem para que eu pudesse observar as diferenças entre os termos “ecossistema” e “ecologia”, abrindo assim precedentes para eu saber discernir qual termo se apropriar, assim como já foi explicado.

auto-reflexão. É preciso enfatizar que a partir do momento em que externalizo meu “eu” interior, já falho em certa medida, pois não é possível ser feito ponto a ponto e com total rigor, mas paradoxalmente, acredito que obtive grande sucesso ao me desafiar no campo da abstração e de sua consequente materialidade através das atmosferas dos espaços que me compõem.

Nestas intenções busco então traduzir minhas emoções por meio da forma, sentidos e toque, contando com o fato de que o convite realizado venha trazer uma colaboração formada a partir da empatia de quem observa meus mapas. Acredito que quando nos tornamos aptos a nos conhecer mais profundamente, somos capazes não só de ver nossos defeitos e qualidades, mas também de reconhecer e respeitar o universo alheio em todas suas particularidades.

Desde o concepção até a montagem, o projeto se mostrou muito orgânico, e em seu processo cresceu, adquirindo forma com o decorrer do tempo. Primeiramente, ao decidir que seriam instalações individuais – se tratando



Teste de dimensionamento.
estudo das dimensões e limitações do corpo no espaço.
[foto do autor]

de um determinado ecossistema que dissesse respeito a mim - e que construíssem ecologias, comecei a investigar a relação de dimensões e áreas a serem utilizadas por cada um. Através do entendimento prático, por meio do estabelecimento de um raio de 1,0 a 2,0 metros pude perceber as limitações de expansões do corpo em um espaço mais restrito. Este estudo possibilitou a decisão de quais medidas adotaria no futuro, visto que eu ainda não havia decidido quantas instalações seriam concebidas e construídas.

O formato principal das instalações vieram da experiência que eu já havia tido durante o intercâmbio com o sistema construtivo desenvolvido. Os hexágonos surgiram, contudo, principalmente pela minha afinidade com a forma triangular, visto que o triângulo é a forma geométrica mais rígida e livre de deformações, e isto sempre me causou uma certa admiração, principalmente pela forma como é usada na arquitetura atribuindo força a treliças, rigidez a contraventamentos e triangulando espaços parametricamente, por exemplo. De certa forma, a figura do triângulo possibilita ligações mais estáveis além de seus

vértices contemplarem pontos mínimos para a formação de planos. Além disso, os espaços hexagonais formados por triângulos equiláteros permitiam maior estabilidade na hora da montagem .

Depois de decidir como seria feito o esqueleto estrutural básico das instalações, faltava decidir o que cada uma iria conter e em quais aspectos eles se baseariam, para que assim não só as dimensões, mas também os elementos, formas, interações e materialidades do espaço pudessem conformar esses espaços de introspecção.

...

A primeira decisão foi que ao menos uma delas iria conter água. A fluidez da água acompanhada de sua apropriação do espaço e sonoridade decorrente do movimento são fatores que sempre me tocaram, trazendo relaxamento e memórias. A partir disso comecei a compor a primeira instalação que iria focar no movimento e encontro entre o corpo e a água, destacando a leveza e firmeza com que ela flui. Constitui, assim, uma fonte

Forma da peça de concreto.
produção de uma peça teste para uma instalação.
[foto do autor]

de inspiração para meus pensamentos, e também uma referência para o modo como eles fluem: sem parar, se conformando e seguindo por a todas as direções.

A fim de completar a atmosfera desse espaço, trago a frieza do concreto para reagir com o corpo quente que se move dentro da instalação, aqui é tudo suave e fluído, as cores cinzentas trazem a sobriedade e calma de um corpo-mente que almeja a paz e fluidez. O filete de água que cai da nuvem apenas preenche essa atmosfera com o som que acompanha a vazão da água, controlada pela corpo que se move tal qual a fluidez do conjunto. Intitulada instintivamente de Cidade, pois é nela que fluo diariamente buscando meu bem-estar e paz em meio ao caos urbano.

Em paralelo surge o Campo, a Floresta e o Mangue. Não há como dizer que houve uma sucessão de projetos, isso seria totalmente equivocado. Todas as instalações surgiram paralelamente e dialogando entre si. Na verdade, permanecem surgindo. Acredito que até a apresentação final elas ainda irão se transformar em busca de maior coerência.

Detalhe da instalação "Cidade"

[foto do autor]

Em contraposição à frieza e calma da Cidade, o Campo veio trazendo calor ao refazer todos aqueles desejos inspirados por imagens mentais que aquecem o coração e tornam as mãos ávidas por concretizar sonhos. Ela diz sobre ritualidades, manias que muitas vezes criamos e que se tornam íntimas, a fim de alcançarmos nossos ideais. Mas antes de ser um lugar de status e exaltação, ele é um espaço de privacidade, reserva. Delicado e muitas vezes desprovido de ostentação. Para mim, é o espaço preservado na solidão (intimidade da alma) que pouco a pouco vai construindo seus sonhos de forma delicada ele há o labor manual: o barro, os remendos, o altar construído que mostram a paixão e persistência de uma mente que devaneia, na esperança de que seu corpo encontre a materialização de seu pensamento.

Surge também a Floresta, inspirada nas relações que cultivamos e que nos transformam pelos ecos das interações entre os corpos a nossa volta. Estabelecer relações não é algo simples, principalmente quando a superficialidade reina e dificulta a real compreensão do outro. Ao meu ver, entender



Detalhe da instalação "Campo"

[foto do autor]

as relações como encontros incessantes de fluxos cheios de informação e vitalidade de universos paralelos, compostos por infinitas e maravilhosas nuances prontas para serem descobertas torna as conexões entre os corpos ainda mais interessantes. E apesar de por vezes conflitantes cabe a nós regar e cuidar dessas relações, mantendo os ouvidos bem abertos a fim de distinguir as reverberações e composições que elas podem somar ou subtrair, regulando assim a intensidade que nos tocam.

Temos que admitir que existe um cuidado necessário, pois nem todas as relações entre os corpos e mapas se mostram benéficas. A organicidade do cultivar e dosar nossas relações é um labor da vida que nos ajuda a crescer por meio das expansões que elas trazem aos nossos mapas.

Por último, e por força do tempo hábil e recurso para a montagem, surge o Mangue. Para mim, o mangue representa simplicidade e fragilidade ao mesmo tempo que garante a diversidade e densidade. De fato, quase um paradoxo, não fosse pelo fato de que isso o torna tão peculiar. Como ecossistema, o



Detalhe da instalação "Floresta"

[foto do autor]

mangue está ameaçado por ser tão único e frágil, está em risco. Contudo, também como ecossistema possui uma riqueza infinita de indivíduos que o habitam, principalmente por funcionar como um “berçário” natural para diversas espécies. Esta instalação não podia receber um melhor nome. Minha imaginação é meu mangue. É nela e por meio dela que eu devaneio e recrio meus mapas, é onde minha diversidade surge. Sendo capaz de construir e me reconstruir entre instâncias da inocência e malícia, beleza e feiura, conhecimento e ignorância. Nesta fragilidade de pensamentos que vem e vão, densos em conteúdos, sou capaz de deleitar-me; procurando protegê-los da fugacidade que muitas vezes os assombram, reservando-lhes um lugar especial, um berço de idéias, ameaçados não somente pelas volatilidade, mas também pela incoerência. Esta delicadeza merece um lugar de paz e respiro, onde a cautela reina e abre espaço para a imaginação dar a luz às mais diversas imagens que os mapas constroem. Cuidado, entre com calma aqui.

...

Detalhe da instalação “Mangue”

[foto do autor]

A concepção desses espaços foi sendo feita em paralelo, cuidando para os materiais fossem minuciosamente colocados, a fim de entalharem atmosferas dignas de seus conceitos. Mas também não há como negar que a concepção contou com os aspectos práticos da materialização desse projeto: os materiais, o orçamento deles, a logística, a combinação entre eles e também a parte eletrônica foram pontos práticos que influenciaram grandemente a composição desses espaços.

Dentro desse processo, vários testes dos elementos desses espaços foram feitos, a fim de elaborar uma composição mais precisa. Dentre eles, alguns foram descartados ou utilizados, mas o mais importante foi todo o aprendizado que cada teste trouxe aliado com a experiência profissional que eu vinha adquirindo, para que eu fosse capaz de produzir as instalações que hoje estão expostas.

Além disso, longe de fornecer uma experiência lúdica, eu apelei para as interações sutis, pois o comportamento que o indivíduo assume no espaço requer que ele não despenda



Sensor de umidade da instalação "Floresta"

[foto do autor]

de muito esforço e energia nas interações, e sim usufrua e abstraia do espaço conexões que reverbaram nas suas interações, e, principalmente, na reconstrução dos mapas mentais. Sendo assim, a parte interativa basicamente funciona por meio de sensores, microcontroladores e atuadores no espaço que complementam a atmosfera a interatividade do corpo com o espaço sem que se tornem um elemento enfático que roube a cena, mas sim que complemente a composição.

Acredito, também, que este projeto surgiu de forma orgânica, indo e voltando em seu processo até ser melhor elaborado. Destaco que uma grande aprendizagem foi que revisar certos passos não é errado, mas sim um exercício de prática em assumir que talvez certas soluções não são totalmente cabíveis por suas limitações. Durante a montagem e a busca pelos componentes das instalações o detalhamento foi se formando. Este processo acabou por ser largamente pautado no diálogo entre ações e representações: mapeando em tempo real as dificuldades que surgiram e criando outras soluções de acordo com as possibilidades disponíveis.



*Montagem das estruturas.
colaboração na montagem das instalações.
[foto do autor]*

Toda a colaboração externa foi se tornando intensivamente ativa e precisa durante o processo (testemunhando aqui como a colaboração de mapas de outros corpos com suas vastas bagagens possibilitaram uma produção ainda mais interessante) fosse na ajuda com a produção e montagem das peças, ou na leitura do texto deste caderno. A colaboração e o crescimento em rede tornaram esse processo ainda mais precioso, alargando as conexões de meus mapas.

Por fim, não buscando nenhuma pretensão em relação a estabelecer quais as apreensões corretas acerca das instalações enfatizo a criação de aberturas a experiência do indivíduo, a fim de que ele tire suas próprias reflexões ao interagir com elas. Por mais que muitos trabalhos acadêmicos requeiram conclusões, este trabalho não tem conclusão. Assim como se nega a ter, pois apesar dele fazer parte do fechamento de um ciclo da minha vida, ele se abre a novas possíveis conexões e ciclos consequentes.

Este trabalho busca prolongar as expansões dos mapas advindos destes

encontros, contudo, mais do que um convite para a experimentação, é um convite para a busca do autoconhecimento.

Um convite ao reconhecer-se.



Tracei meu espaço e desenhei meus limites.

*Nada mais justo do que o necessário para se
conhecer e sobreviver.*

*Dentro desse meu limbo naveguei por mim mesmo
e me descobri, me reinventei e tornei a ser algo
além do que eu esperava ser.*

*Mas também fora desse espaço eu me lancei
diversas vezes, sai da minha segurança e diversas
lições eu aprendi.*

*Mas de longe a maior delas foi a que eu me
reconheci.*

.bibliografia

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A Casca e o Núcleo**. Tradução de Maria José Coracinil. São Paulo, Escuta, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: uma Psicologia da Visão Criadora**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

ASCOTT, Roy. **Telematic Embrace: Visionary Theories of Art, Technology, and Consciousness**. London: University of California Press, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Gabriela Pereira. **Arquitetura interativa: contextos, fundamentos e design**. São Paulo, 2014.

CAMARGO, Eleida Pereira de. **Neuroestética Aplicada ao Design da Informação**. 2016. 120 f. Relatório Final de Pós-doutoramento. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CORRAL-VERDUGO, Víctor. **Psicologia Ambiental: Objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento**. Psicologia USP, São Paulo, n. 16, 2005.

CRAWFORD, Ilse. **Sensual Home: Liberate Your Senses and Change Your Life**. London: Quadrille Publishing limited, 2005.

DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: Prazer e Dor na Ciência dos Sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed.34, 2002.

ENDO, Paulo. **Pensamento como Margem, Lacuna e Falta: Memória, Trauma, Luto e Esquecimento**. Revista USP, São Paulo, n. 98, 2013.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KRUSE, Lenelis. **Compreendendo o Ambiente em Psicologia Ambiental**. São Paulo: Psicologia USP, n. 16, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NEVES, Heloisa. **Mapas do Encontro: Estudos da Percepção**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, Percepção e Conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia, 2008.

NORMAN, Donald. **O Design do Dia-a-Dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Palavra, Imagem & Enigmas**. Revista USP, São Paulo, n. 16, 1993.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign: Ferramentas, Estratégias e Ética para a Complexidade**. São Paulo: Blucher, 2010.

ZUMTHOR, Peter. **Atmospheres: Architectural Environments. Surrounding Objects**. Birkhauser, 2006.

ZUMTHOR, Peter. **Thinking Architecture**. Birkhauser, 2006.

